

## REVISTA DE ARTETERAPIA DA AATESP

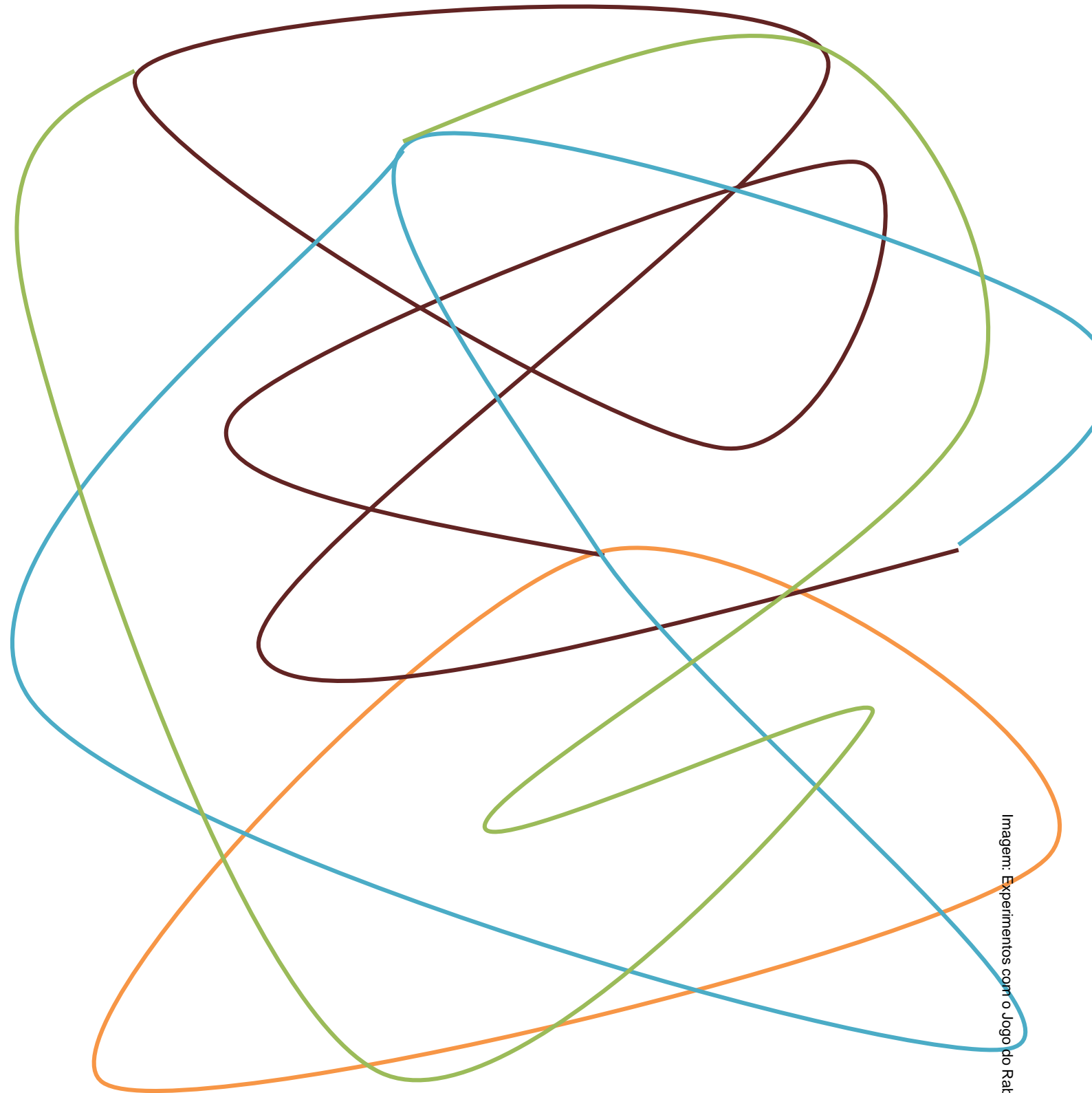


Imagem: Experimentos com o Jogo do Rabisco

## REVISTA de ARTETERAPIA da AATESP

**Publicação:** Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo

### APRESENTAÇÃO

A Revista Arteterapia da AATESP é uma publicação científica da Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo, disponível no formato CD-ROM e também passível de acesso por meio do site da AATESP – [www.aatesp.com.br/artigos.htm](http://www.aatesp.com.br/artigos.htm). Foi iniciada no ano de 2010 com o intuito de acolher as produções advindas dos associados e demais autores interessados na difusão e aprofundamento do conhecimento na área de Arteterapia, com periodicidade semestral.

### LINHA EDITORIAL

A Revista Arteterapia da AATESP tem como objetivo publicar trabalhos que contribuam para o desenvolvimento do conhecimento no campo da Arteterapia e áreas afins. Busca incentivar a pesquisa e reflexão, de cunho teórico ou prático, acerca da inserção da Arteterapia e de seus recursos nos diversos contextos na atualidade, contribuindo para o aprofundamento da compreensão sobre o ser humano, a Arteterapia e suas relações.

### GRUPO EDITORIAL

Contato: [textos.aatesp@gmail.com](mailto:textos.aatesp@gmail.com)

#### Editora:

Dra. Maíra Bonafé Sei – UEL/AATESP

#### Conselho Editorial:

Ms. Deolinda Maria da Costa Florim Fabietti – AATESP

Ms. Margaret Rose Bateman Pela – AATESP

#### Conselho Consultivo:

Dra. Ana Cláudia Afonso Valladares – ABCA – FEN-UFG

Ms. Artemisa de Andrade e Santos – UFRN/ASPOART

Dra. Barbara Elisabeth Neubarth – Secretaria da Saúde do Estado do Rio Grande do Sul/AATERGS

Ms. Claudia Regina Teixeira Colagrande – AATESP

Dra. Cristina Dias Alessandrini – Alquim Art

Dra. Irene Gaeta Arcuri – UNIP

Ms. Lídia Lacava – ISAL / Instituto Sedes Sapientiae

Esp. Lucivone Carpintero – ASBART

Ms. Mailde Jerônimo Trípoli – CEFAS-Campinas

Dra. Maria de Betânia Paes Norgren – Instituto Sedes Sapientiae

Esp. Mônica Guttmann – Instituto Sedes Sapientiae

Dra. Patrícia Pinna Bernardo – UNIP

Ms. Sandro Leite – FMU

Dra. Selma Ciornai – Instituto Sedes Sapientiae

Dra. Sonia Maria Bufarah Tommasi – Arte sem Fronteiras/Faculdade Avantis

Dra. Tatiana Fecchio da Cunha Gonçalves – Escola Castanheiras

#### Capa, Diagramação, Editoração e Revisão de Texto

Deolinda Maria da Costa Florim Fabietti

Maíra Bonafé Sei

Margaret Rose Bateman Pela

#### Ressalva

Os artigos são de responsabilidade exclusiva dos autores e as opiniões e julgamentos neles contidos não expressam necessariamente o pensamento dos Editores ou Conselho Editorial. Citação parcial permitida, com referência à fonte.



**REVISTA de ARTETERAPIA da AATESP**

**Publicação:** Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo

**ASSOCIAÇÃO DE ARTETERAPIA DO ESTADO DE SÃO PAULO**

**Diretoria – Gestão 2015-2016**

**Diretora Gerente**

Deolinda M.C. Florinda Fabiatti

**Diretora 1ª. Secretária**

Ana Carmen Franco Nogueira

**Diretora 2ª. Secretária**

Cássia Regina de Toledo Rando

**Diretora 1ª. Tesoureira**

Tania Cristina Freire

**Diretora 2ª Tesoureira**

Regina Maria Fiorezzi Hardt Chiesa

**1ª. Diretora Adjunta**

Leila Nazareth

**2ª. Diretora Adjunta**

Regina Maria Fiorezzi Hardt Chiesa

**Conselho Fiscal**

Paola Vieitas Vergueiro

Lidia Lacava

Ana Alice Nabas Francisquetti

Zilia Nazarian

## SUMÁRIO

### Editorial

<b>ARTETERAPIA: ALGUMAS EXPERIÊNCIAS BRASILEIRAS</b>	01
Maíra Bonafé Sei	

### Artigos Originais

<b>ARTETERAPIA E INCLUSÃO SOCIAL COM ADOLESCENTE EM LIBERDADE ASSISTIDA</b>	02
Sebastião Jacinto dos Santos	
Marcos Júlio Sergi	

<b>O SOPRO COMO SÍMBOLO DA FORÇA CRIADORA EM ARTETERAPIA</b>	23
Maria Luiza Gava Schmidt	
Gislaine Cristina Pereira Santos	
Cássia Regina de Toledo Rando	

### Ensaio

<b>LIVRO DE ARTISTA EM ARTETERAPIA</b>	50
Claudia Colagrande	

### Resenha

<b>O HERÓI NOS MITOS GREGOS: EM ARTETERAPIA E EDUCAÇÃO</b>	58
Sandro Leite	

### Resumos

<b>A ARTETERAPIA COMO RECURSO PARA DESPERTAR A CRIANÇA INTERIOR</b>	61
Ericka Louise Talarico	

<b>OFICINA DE CRIATIVIDADE DE CORES E SONS: PRÁTICA ARTETERAPÊUTICA MULTISSENSORIAL</b>	62
Igor Ortega Rodrigues	
Vanessa Rigo	

<b>Normas para Publicação</b>	63
-------------------------------	----



## Editorial

### ARTETERAPIA: ALGUMAS EXPERIÊNCIAS BRASILEIRAS

Maíra Bonafé Sei<sup>1</sup>

Este novo número da Revista de Arteterapia da AATESP traz contribuições de autores que ilustram diferentes propostas em Arteterapia e variados públicos junto aos quais esta prática pode ser empreendida.

O artigo de Sebastião Jacinto dos Santos e Marcos Júlio Serigl aborda a Arteterapia apontando-a como uma ferramenta para promoção de inclusão social com a adolescente em situação de liberdade assistida. Já o artigo cujas de Maria Luiza Gava Schmidt, Gislaíne Cristina Pereira Santos e Cássia Regina de Toledo Rando visa apresentar uma oficina realizada no contexto da formação em Arteterapia. O primeiro texto retrata uma intervenção realizada no Rio Grande do Norte, enquanto que o segundo aborda uma experiência localizada no Estado de São Paulo. Percebemos, assim, a presença da Arteterapia nos diferentes Estados do Brasil, sendo gratificante poder divulgar aos interessados aquilo que é realizado na área.

Este número conta também com o ensaio de Claudia Colagrande que discute o Livro do Artista tecendo relações com a Arteterapia. Sandro Leite traz uma resenha sobre o livro organizado por Sonia Tommasi e Lucia Soares, lançado nesta no de 2015. Para fechar a publicação, contamos com dois resumos de monografias do curso de especialização em Arteterapia da UNIP.

Boa leitura!

---

<sup>1</sup> Psicóloga, Arteterapeuta (AATESP 062/0506), Mestre e Doutora em Psicologia Clínica pelo IP-USP, Professora Adjunta junto ao Departamento de Psicologia e Psicanálise – CCB - UEL. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5815968830020591>. E-mail: [mairabonafe@gmail.com](mailto:mairabonafe@gmail.com)



## Artigo Original

### ARTETERAPIA E INCLUSÃO SOCIAL COM ADOLESCENTE EM LIBERDADE ASSISTIDA

### ART THERAPY AND SOCIAL INCLUSION WITH ADOLESCENT IN ASSISTED FREEDOM PROGRAM

Sebastião Jacinto dos Santos<sup>2</sup>

Marcos Júlio Sergl<sup>3</sup>

### Resumo

Esta pesquisa tem como objetivo investigar de que formas as diversas linguagens artísticas como: dança, pintura, argila, música, desenho e teatro, com fins terapêuticos, possibilitaram o resgate da cidadania e da inclusão social dos participantes, a partir de vivências desenvolvidas em oficinas criativas. Sob a perspectiva da pedagogia da presença integrada às questões sociais, temos como estudo de caso o atendimento de adolescentes no “Programa Liberdade Assistida”, da Pastoral do Menor nos anos de 2004 a 2010. Adolescentes oriundos de comunidades carentes da cidade de Natal, no Rio Grande do Norte. A Arteterapia mostrou-se eficiente como técnica de resgate da autoestima, tendo como consequência a plena inclusão social do público alvo aqui recortado.

**Palavra Chave:** Adolescente, Inclusão Social, Arteterapia, Pedagogia da Presença, Educação.

### Abstract

---

<sup>2</sup> Professor da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo/SP, lecionando as disciplinas sociologia e filosofia, aluno do Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Santo Amaro – UNISA. Licenciado em Artes Visuais pela Universidade de Santos – UNIMES. [sebastiaojacinto@hotmail.com](mailto:sebastiaojacinto@hotmail.com)

<sup>3</sup> Doutor em Artes, pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, Professor Dr. do Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade de Santo Amaro – UNISA. [mj.sergl@uol.com.br](mailto:mj.sergl@uol.com.br)



This research aims to investigate in what ways the various art forms such as: dance, painting, clay, music, drawing and theater, for therapeutic purposes, they enabled the recovery of citizenship and social inclusion of participants from experiences developed in workshops creative. Started from the perspective of the pedagogy of presence in education, integrated with social issues, taking as a case study the care of adolescents in the "Probation Program" from "Pastoral do Menor" between the years of 2004 to 2010, coming from poor communities of the city of Natal (in Rio Grande do Norte). The art therapy proved effective as self-esteem rescue technique, resulting in the full social inclusion of the target audience studied here.

**Keywords:** Teenager, Social Inclusion, Art therapy, Pedagogy of Presence, Education.

## Introdução

A Arteterapia, ferramenta educacional que tem mostrado bons resultados no processo de reeducação de jovens que cometeram infrações e delitos, proporciona uma atmosfera de bem-estar, resgata a autoestima e possibilita a inclusão social desses. A partir desta premissa e por estarmos envolvidos nesse processo pedagógico, recortamos como estudo de caso o atendimento de adolescentes na Pastoral do Menor da Arquidiocese de Natal, Rio Grande do Norte, no período de 2004 a 2010.

Esta pesquisa se norteia pela pesquisa-ação, com uma “abordagem em espiral” (BARBIER, 2002, p. 117) que envolve atividades, sempre acompanhadas de reflexões autocríticas e avaliações dos resultados. A partir de relatórios preenchidos sistematicamente pelos educadores sociais da Pastoral do Menor no período acima citado, pudemos elaborar o presente texto, tendo como procedimento metodológico a análise a partir da “escuta sensível do vivido” (BARBIER, 2002, p. 123). Considerou-se as descrições dos participantes do projeto, contando, a partir dessas experiências, sua

consequente mudança comportamental. Estas práticas possibilitaram a ampliação do leque de respostas ante às situações problema propostas, visando desenvolver as habilidades motoras e motivar o prazer do adolescente pela experimentação nesse campo de conhecimento.

Ao buscar elementos que propiciem melhor qualidade da atuação profissional do educador social, foram utilizadas práticas em Arteterapia por apresentarem a criatividade artística “como caminho que nos ajuda a transmutar as sensações e os sentimentos, que trazem consigo o prazer de se desafiar na conquista do novo” (CIORNAI, 2005, p. 134).

Essas práticas estão inseridas no âmbito da pedagogia da presença, que leva em conta a formação total do adolescente, em sua condição social, familiar, educacional, cultural, política e religiosa, em uma conciliação com as condições éticas, expressas a partir das diretivas de direitos e deveres vigentes no Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA.

Ao propormos a aplicação dos recursos da Arteterapia como meios de resposta e instrumentos da inclusão social, notamos que se a arte tem o poder de aferir novas formas de aprimorar atitudes e sentimentos, consequentemente, o desenvolvimento de atividades artísticas pode levar estes sujeitos a uma melhor compreensão do mundo onde estão inseridos.

Neste caso, os adolescentes responderam às propostas de forma bastante elucidativa, revelando seus traços, desencontros ou desequilíbrios. Transferindo seus conflitos para personagens em jogos teatrais, a partir de seus desenhos, pinturas, letras criadas para canções improvisadas e na modelação da argila.

As atividades arteterapêuticas têm nos ajudado a perceber as frustrações e decepções que levaram os adolescentes a se envolver com a delinquência. Estas respostas demonstraram que parte dos adolescentes gosta de desenhar situações

diversas de violência, representadas pelas armas: facas, revólveres, instrumentos de tortura e muito sangue. Outros desenham cigarros, folhas de maconha, seringas ou os demais artefatos presentes no mundo das drogas. Há, também, aqueles que pintam casas bonitas ou ambientes que são apresentados nas explicações como a representação de desejos, do que eles gostariam de um dia alcançar para si e seus familiares.

A identidade desses adolescentes não foge ao encanto com aquilo que, no decorrer da história da humanidade, tem sido tão valorizado no mundo das artes: as tragédias. Embora eles vivam uma tragédia à sua maneira, “à brasileira”, não fogem do prejulgamento de que o trágico é atraente, encanta, embora faça sofrer, desorientar, desterritorializar, levando-os a transitar por mundos nunca desejados na sede de conquistar posições hierárquicas superiores.

Nesses desencontros, “o primeiro e mais decisivo passo para vencer as dificuldades pessoais é a reconciliação do jovem consigo mesmo e com os outros. Esta é uma condição necessária da mudança de sua forma de inserção na sociedade” (COSTA, 1997, p. 21).

O que esse adolescente infrator quer, na verdade, é afirmar sua identidade, embora de forma errônea, assumindo a contramão da realidade, já que foram deixados à margem de seus direitos de criança e adolescente. A negação de seus direitos como cidadãos se revela em seus atos de violência, roubos e crimes, “omissões e transgressões, que violentam a sua integridade e desviam o curso de sua evolução pessoal e social, exprimem-se nas mais diversas formas de conduta divergentes ou mesmo antagônicas à moralidade e à legalidade da sociedade que o marginalizou” (COSTA, 1997, p. 21).

## Metodologia

A metodologia parte da leitura bibliográfica e da pesquisa-ação que segue: análise e leitura; comparação do texto; reflexão pessoal; criação textual dos resultados; análises da produção artística dos adolescentes; criação de paradigmas da interferência das artes na mudança comportamental dos adolescentes e considerações finais. Incluem-se aqui textos de utilização própria da Pastoral Social da Igreja Católica, da Pastoral do Menor e outros textos oficiais sobre a Arteterapia. O trabalho foi desenvolvido a partir da revisão bibliográfica, compreensão e levantamento de conteúdos teóricos em livros, sites especializados e outros documentos pré-existentes, resultando na confecção e compreensão de textos da área estudada.

A pesquisa sobre os elementos constitutivos da Arteterapia e Inclusão Social, respaldada em estudos bibliográficos e da metodologia da pesquisa-ação, acentua a importância de uma prática em busca de respostas transformadoras, unificadas e integradas às questões sociais, pois “possui caráter participativo, pelo fato de promover ampla interação entre pesquisadores e membros representativos da situação investigada” (THIOLLENT, 1997, p. 21).

A pesquisa é parte de estudo para o trabalho do Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade de Santo Amaro (UNISA) com o título: “Práticas de Educação Interdisciplinar em Arteterapia e Inclusão Social com Adolescente em Liberdade Assistida”. Neste sentido, utilizamos no estudo de casos, nomes fictícios que não corresponde à identidade de nenhum adolescente apontado nos relatórios da Pastoral do Menor da Arquidiocese de Natal/RN.

Nas práticas educativas com a abordagem da Arteterapia os temas abordados pelo educador social e arteterapeuta, vão desde os ensinamentos bíblicos (amor, acolhida, respeito, união, esperança e caridade) ao pareamento com as ações colaborativas de

Organizações não Governamentais (ONGs) que atuam no terceiro setor da sociedade civil no combate à pobreza, assistência social, saúde, educação, reciclagem, desenvolvimento sustentável, entre outras com a finalidade de resgatar a cidadania.

A Pastoral do Menor promove o sentimento de humanidade no adolescente. Assume, assim, a ótica da inclusão, do comprometimento com os mais pobres e oprimidos, sempre na perspectiva da garantia dos direitos humanos, pois a “violação dos direitos é também resultado de um processo distorcido de ‘educação’ daquelas mesmas pessoas que deveriam resguardar esses direitos” (GRACIANI, 2009, p. 13). Por isso, ela promove uma inclusão a partir da leitura da realidade contextualizada, apontando para a complexidade e interdependência de suas ações.

## **Discussões**

Tomamos como exemplo o estudo de caso de um menor, ao qual iremos nos referir como Fernon, entre mais de 60 participantes atendidos pela Pastoral do Menor de Natal. Em conversa partilhada com o grupo, o adolescente Fernon afirma que ficou viciado em cocaína e maconha. Mais tarde, conheceu e provou também o crack. Depois que veio para o Programa, ele tem encontrado no grupo um lugar de crescimento, amadurecimento, formação, realização pessoal e comunitária.



**Figura 1:** Desenho de adolescente – para responder como está se sentindo no momento – o adolescente narra que tinha consumido drogas antes de vir ao encontro da Pastoral. **Fonte:** Arquivo da Pastoral do Menor – Arquidiocese de Natal/RN.

O adolescente Fernon afirma que os problemas de comportamento violento e envolvimento com o mundo das drogas (Figura 1) que o levaram a se enveredar pelo mundo do crime têm uma única razão: seus pais. Esses trouxeram uma empregada doméstica e seu filho para morar e trabalhar em sua casa. O filho da empregada, viciado e traficante, acabou por envolvê-lo nesta realidade.

A partir deste relato, foi então organizada uma sequência semanal de atividades arteterapêuticas para um grupo especial, no qual Fernon começou a participar. Nas seções foram propostas atividades que culminavam sempre numa produção artística.

Ao sugerirmos a Fernon uma descrição sobre seu desenho com traços de violência e crueldade, ele afirmou que seriam as torturas que sofreu. Essas se confundem com a vontade de realizar as mesmas ações em seus pais.

Neste ponto, passamos a nos indagar em que medida a Arteterapia vem ajudando Fernon a fazer o percurso da descoberta dos efeitos de seus atos. Ele próprio nos ajuda a dar respostas ao questionamento, já que aponta como as atividades o têm ajudado a conhecer a sua história de vida, se familiarizando com a problemática pela qual está passando e aprendendo a reagir diante das crises existenciais. De acordo com o adolescente, essas crises são muitas.

Pelo exemplo de Fernon, percebemos que a Arteterapia apresenta ferramentas que auxiliam a elucidar a problemática conflitiva dos adolescentes em pauta. “A arte é, portanto, uma linguagem capaz de criar um canal de comunicação com a psique [...] é capaz de compreendê-la na sutileza dos seus nuances” (ARCURI, 2006, p. 27).

O trabalho com as modalidades expressivas (desenho, pintura e música) gera no adolescente a capacidade de organizar o processo real de sua existência, estruturando sua forma de pensamento para dar significado a sua criação expressiva. Sobre o uso do desenho na Arteterapia, Ana Cláudia Afonso Valladares aponta que:

O desenho como modalidade da Arteterapia, objetiva a forma, a precisão, o desenvolvimento da atenção, da concentração, da coordenação visomotora e espacial. Também concretiza alguns pensamentos e exercita a memória. O desenho está relacionado ao movimento e ao reconhecimento do objeto, tendo a função ordenadora (VALLADARES, 2004: p. 12).



**Figura 2:** trabalho coletivo realizado por adolescentes com a finalidade de responder o que eles entendem por qualidade de vida. **Fonte:** Arquivo pessoal dos autores.

Os adolescentes foram convidados a expressar seus desejos e sonhos (conforme Figura 2). Os adolescentes Rick e Poul desenharam casas e ao serem interrogados pela psicóloga e assistente social, afirmaram que sonhavam com uma moradia melhor, que

tivesse um jardim e espaço para as brincadeiras. Ambos os adolescentes moram em comunidades simples, com falta de saneamento básico e violência constante.

O adolescente Santino demonstra agressividade no relacionamento com os outros adolescentes do grupo e com os pais. Trata-se de um adolescente de 15 anos que chegou à Pastoral do Menor arredio, agressivo e sem interesse em ir à escola. O mesmo revelou as dificuldades de permanecer dentro da sala de aula, alegando que acha as aulas chatas, cansativas. Os professores se parecem com seus pais, pois reclamam o tempo todo do que ele faz. Com os trabalhos de Arteterapia ele tem percebido que desenvolveu uma maior tranquilidade, já não anda muito na sala de aula. Já consegue ficar sentado na carteira por mais tempo. A família acredita que nessa instituição seu filho tem melhorado e faz planos para o resgate das amizades perdidas em sua comunidade de origem.

Seus trabalhos com um dia ensolarado, nuvens no céu e pássaros a voar, agora apresentam seus desejos e sonhos (Figura 3) que vem sendo operado nas mudanças da vida.



**Figura 3:** trabalho realizado por adolescente com a finalidade de responder o que ele mais deseja para sua vida. **Fonte:** Arquivo pessoal dos autores.

Assim, esses adolescentes vão aos poucos descobrindo seu ser interior, a partir da identificação com o que produzem, demonstrando desejos e esperanças de melhorar suas ações na conquista da inserção social. Neste caso, “a Arteterapia contribui para estimular a criatividade, porque se vale, em sua aplicação e método, de variadas formas e expressão, fazendo florescer as potencialidades criativas e latentes dos indivíduos” (GOLINELLI, 2002, p. 203).

O problema detectado neste processo pedagógico aponta que, na maioria dos casos, o processo de autodescoberta e consequente intenção de mudança comportamental é lento. Não é culpa dos adolescentes, mas, talvez, da incapacidade de compreensão e percepção das propostas artísticas com a finalidade de cura.

### **A arteterapia com utilização da música**

Nas atividades de Arteterapia com música, iniciou-se na decodificação do repertório dos adolescentes, para, a partir desse repertório significativo, ampliar seu horizonte e proceder a uma educação do ouvir. O canto em grupo mostrou-se eficiente nesse processo, uma vez que é uma atividade natural para eles, considerando-se, ainda, que muitos tocam violão.

Para estimular sua percepção foi solicitado que elencassem os sons desagradáveis do cotidiano na comunidade: latidos cachorro do vizinho; música repetitiva do carro de gás; gritos das vizinhas com os filhos; forró e funk; som alto de festas nos finais de semana; ruídos de motos; e vizinhos ouvindo ou cantando alto músicas bregas.



**Figura 4:** Arte coletiva, meramente ilustrativa, feita com colagem com a utilização de diferentes materiais para responder qual a importância da música na vida dos adolescentes.

**Fonte:** Arquivo pessoal dos autores.

Conseqüentemente, ao levar os adolescentes a compreender e se encaminhar para o desenvolvimento dos processos de percepção e imaginação a partir dos sons, possibilita-se a melhoria de sua expressão, de sua sensibilidade, levando-os a interferir positivamente no ambiente cultural de suas comunidades.

A prática do canto em conjunto propiciou um ambiente alegre e descontraído, e muitos narraram a participação das famílias em festas de final de semana ou encontros comunitários diversos.

Desta forma, percebeu-se que a música é um elemento poderoso na inserção social, capaz de produzir no adolescente uma percepção nova de suas condições de vida e possíveis mudanças a partir de uma melhor integração no mundo em que vive.

## **Resultados**

O adolescente mesmo com a identidade arranhada pelo delito cometido, continua com plenas condições de cobrar seus direitos. Nesse caso, o ponto de partida deve ser sempre retomado de um conceito educativo. Deve haver a possibilidade de protagonismo e interferência das linguagens das artes visuais e artísticas, assim como o pareamento com seus pontos comuns e os demais sinais de conflito do adolescente.

Essas aproximações das artes, com as análises da Arteterapia qualificam o trabalho, ajudando o adolescente a se perceber com uma identidade social. O estabelecimento de interações interdisciplinares a partir de elementos artísticos demonstra que seu estado de sujeito identitário no mundo ultrapassa as questões do delito. Para isso, é importante que familiares, escolas, entidades sociais, Organizações Não-Governamentais, educadores e outros seguimentos da sociedade estejam envolvidos na dinamicidade e aprofundamento dessas atividades.

Um importante tema a ser trabalhado e aprofundado em seu sentido extra histórico é a família contemporânea, com suas significativas mudanças. A partir das intervenções com a Arteterapia no trabalho social, podemos nos apropriar do conceito de família para o adolescente: sua visão sistêmica e resiliência no trabalho com as famílias.

É importante também que o adolescente seja instigado à percepção do conceito de comunidade. Ao exercitar seu protagonismo comunitário, ele desenvolve um sentimento de pertencimento ao assumir lideranças dentro de sua comunidade de origem.

Os temas desenvolvidos pela Pastoral do Menor têm a finalidade de preparar o adolescente para assumir uma visão holística e sistêmica do mundo. Os temas assumem desse modo uma potencialidade multidisciplinar, interdisciplinar e transdisciplinar nas práticas integrativas do grupo.

Na prática de preparação profissional do adolescente é necessária também uma educação interdisciplinar, visando à valorização de sua formação na comunidade. É importante o aproveitamento dos talentos locais, desenvolvendo o sentimento de pertencimento por meio de redes articuladas na sociedade. Nesse contexto, devemos levar em conta a abordagem dos novos paradigmas articulados nas demandas sociais antigas e atuais.

Não devemos esquecer que para complementar a didática, a Pastoral do Menor parte da experiência prática e vivência dos profissionais e dos adolescentes, enfocando a comunidade pelo uso das políticas públicas contempladas na Constituição Federal, Estatuto da Criança e do Adolescente, Estatuto da Juventude e documentos oficiais da Igreja Católica. Destaca-se, ainda, a importância da abordagem dos profissionais: Educadores Sociais, assistentes sociais, psicólogos, arteterapeutas, lideranças comunitárias, agentes comunitários, entre outros. Profissionais do âmbito social que trabalham com estes adolescentes a partir de conceitos teóricos e práticos.

### **Finalidades da Arteterapia**

A finalidade não é transformar esses adolescentes em artistas ou coisa semelhante, mas ajudá-los a interagir com os demais participantes, sensibilizando-se com sua capacidade interior, descobrindo seus gostos, desejos e sonhos.

Há quem diga que partilhar informações sobre desenhos ou produções artísticas não têm nada a ver com as projeções de cura do ser depressivo. Esquece-se que, para o

adolescente, conhecer a si mesmo é um aspecto fundamental para o amadurecimento de sua identidade e primeira condição para se passar ao próximo estágio que é a aceitação de si.

Pela quantidade de livros e artigos propondo a Arteterapia como processo educacional, não podemos mais ficar indiferentes à valorização deste campo como ferramenta essencial na busca pelo autoconhecimento.

A partir do interesse do nosso público pesquisado, temos chegado ao seguinte questionamento: a arte pode, com seus recursos e atividades, auxiliar os adolescentes em dívida com a sociedade a compreender melhor suas histórias de vida, suas mágoas, desafetos e retomar a vida a partir da análise do erro de percurso que foi seu ato infracional? Neste caso,

se consideramos aprendizagem como um processo em que o sujeito, na relação recíproca com o outro, gera transformações, o processo de 'ir se curando' está sempre presente, diante dos sentimentos de perda, ganho e medo decorrentes das desconstruções e construções implicadas na dinâmica da mudança (CIORNAI, 2005, p 31).

Ao pesquisar os recursos arteterapêuticos e a problemática em questão, avaliamos o emprego de atividades artísticas como um processo criativo que permite ao grupo o acesso a técnicas de relaxamento psicofísico, de abertura para o sentido da vida, do resgate da cultura local. Isso reedifica melhor seu compromisso com a sociedade, por meio de um atendimento direto que inclui a participação dos adolescentes e suas famílias.

Os resultados foram gratificantes, uma vez que se criou uma atmosfera de participação e colaboração coletiva da equipe de educadores sociais, psicólogo, assistente social, arteterapeutas e adolescentes. Juntos, puderam recompor momentos cruciais desse processo de descoberta dos medos que os levaram ao crime.

...carregamos conosco a memória de muitas tramas, o corpo molhado de nossa história, de nossa cultura; a memória, às vezes difusa, às vezes  
Revista de Arteterapia da AATESP, vol. 6, n. 1, 2015. - ISSN 2178-9789

nítida, clara, de ruas da infância, da adolescência; a lembrança de algo distante que, de repente, se destaca límpido diante de nós, em nós, um gesto tímido, a mão que se apertou, o sorriso que se perdeu num tempo de incompreensões, uma frase, uma pura frase possivelmente já olvidada por quem a disse. Uma palavra por tanto tempo ensaiada e jamais dita, afogada sempre na inibição, no medo de ser recusado que, implicando a falta de confiança em nós mesmos, significa também a negação do risco. (FREIRE, 2011b, p. 45).

Como resultado das propostas de Paulo Freire acima descritas, as atividades desenvolvidas pela Pastoral do Menor da Arquidiocese de Natal, valorizaram a participação de todos, reconhecendo cada um como pessoa, valorizando-os na busca por potenciais latentes. Elas permitiram partilhar critérios, valores, visões e pontos de vista. Ajudaram o adolescente a enfrentar os desafios dessa etapa, decisiva para o amadurecimento na retomada da compreensão da vida.

### **Educação com adolescente em situação de risco**

Quando falamos de educação do adolescente infrator temos em mente uma problemática maior: a presença dele no programa, tendo em vista que a grande maioria desses adolescentes tem dificuldades em permanecer no quadro de discentes, evadindo-se da escola por conta de uma série de problemas.

Na maioria das instituições, o processo de reeducação destes adolescentes segue por uma ótica perceptivelmente estranha à realidade dos mesmos. São buscadas formas “eficientes de domesticá-los” a partir da ótica deturpada da educação como controle social. Esquecem seus sentimentos e o aspecto de maior importância para eles: a autonomia que os torne capazes de decidir seu próprio futuro.

O educador social necessita estar preparado profissional e tecnicamente. Ter estrutura emocional para enfrentar as adversidades sociais ao interagir com o

adolescente. Por isso, Ciornai acredita que, para serem eficientes, os educadores precisam desenvolver:

a capacidade de se expressar pelas linguagens plástica, musical e corporal, empregando a dramatização, o contar histórias, o construir poesias e o preparo de materiais, explorando potencialidades pessoais propiciando o autoconhecimento e o crescimento pessoal. (CIORNAI, 2005, p. 66)

O educador social deve estar preparado para dar respostas estimuladoras e atuar com sua presença e convivência entre os adolescentes, pois “a pedagogia do educador social é, de certa forma, uma contrapedagogia que busca instaurar uma nova cultura: a cultura da solidariedade que possa neutralizar a banalização da vida à qual as elites brasileiras se acostumaram” (GRACIANI, 2009, p. 13).

É importante salientar que o próprio Estatuto da Criança e do Adolescente, no Capítulo IV (que rege sobre o “Direito à Educação, à Cultura, ao Esporte e ao Lazer”) já deixa em aberto a condição de desenvolvimento protegidos através da arte quando, no Artigo 54 V, prega que esses têm direito de “acesso aos níveis mais elevados do ensino, da pesquisa e da criação artística, segundo a capacidade de cada um” (ECA, 2012, p. 60).

Para garantir esses direitos, tanto os adolescentes como seus familiares, têm de passar por um processo de reeducação e autoconfiança, já que estão desacreditados pelo sistema. Isto gera outra problemática. Em que nível de intervenção é possível atuar junto a estas famílias?

Assim, a situação social da família é outro desafio: são pessoas que, na sua maioria, vivem em situação de extrema miséria. Pais e mães de família que não conseguem garantir o sustento básico do lar e que “sonham com trabalho”. Esse ambiente não oferece perspectivas de vida digna aos adolescentes.

Isto gera um círculo vicioso: os adolescentes viciados em drogas têm dificuldade de se livrar dessa situação e a família, por outro lado, não tem a mínima condição financeira para encaminhá-los à uma casa de acolhida e recuperação. Além disso, muitas vezes, as famílias que conseguem fazer esse tipo de encaminhamento veem seus filhos voltarem para o mesmo ambiente hostil em que se viciaram.

Este é um problema de difícil solução e que interfere negativamente na educação. Nessas condições, o educador social deve ser um facilitador, na busca de novas formas de equilíbrio entre sua ação de educar e a inserção dos adolescentes em um ambiente social mais sadio.

Os adolescentes chegam à Pastoral do Menor com a expectativa de encontrar espaço no mercado de trabalho. No entanto, sabe-se que o quadro econômico e social do país, em particular da cidade de Natal, não é favorável à geração de renda para pessoas que têm baixo nível de escolaridade. É completamente desfavorável a quem não tem escolaridade. Esta situação problemática é aumentada no público alvo aqui analisado, por conta do preconceito de serem adolescentes com problemas com a justiça.

Apesar das dificuldades acima citadas, a Pastoral do Menor de Natal, com seu trabalho, tem mostrado resultados bastante significativos. A alegria está em poder ajudar o adolescente a cumprir as metas do trabalho, reintegrando-se à sociedade e vivendo um bom desempenho escolar. Por isso, uma “ação socioeducativa deve respeitar as fases de desenvolvimento do adolescente, levando em consideração suas potencialidades, sua subjetividade, suas capacidades e limitações” (CNBB, 2010, p. 44). O intuito é não ver o adolescente como um ser impotente, com ações rígidas, pois “o mundo não é um laboratório de anatomia nem os homens são cadáveres que devam ser estudados passivamente” (FREIRE, 2013, p. 180).

Na experiência pedagógica, a partir da visão da Arteterapia, é muito importante e necessário falar no momento certo, saber escutar, ensinar a compreensão ética. Somente quem escuta paciente e criticamente o outro, fala com ele. A busca de uma “necessária promoção da ingenuidade à criticidade não pode ou não deve ser feita à distância de uma rigorosa formação ética, ao lado sempre da estética. Decência e boniteza de mãos dadas” (FREIRE, 2011a, p. 34). No dizer de Paulo Freire está a essência de todo o trabalho: o valor estético que torna os seres humanos capazes de vivenciarem o que há de mais belo; o encanto pela vida que se faz arte e memória.

Esta ação tem a peculiaridade de socializar o adolescente dentro de sua própria comunidade, valorizando e potencializando os valores humanos e sociais existentes no seu ambiente, fortalecendo-o enquanto cidadão de direito. Assim, a Pastoral do Menor de Natal se colocou como referência para a aplicação de tal medida por parte da autoridade judiciária, bem como, a manifestação de participação da sociedade na promoção da cidadania destes adolescentes.

## **Conclusões**

Nesta pesquisa, os objetivos propostos foram satisfatoriamente alcançados tendo em vista que, ao exercitar corpo, mãos, mente e coração, os jovens passaram a desenvolver comportamentos mais integrados, menos agressivos, mais saudáveis e com hábitos cooperativos, como se depreende das análises efetuadas em seus depoimentos. Considerando-se “a importância da utilização da Arteterapia para facilitar a expressão de componentes simbólicos” (ARCURI, 2006, p. 87) em suas várias linguagens, optou-se pela ênfase na utilização dos recursos artísticos oriundos das artes visuais integrados às linguagens artísticas diversas que permitissem aos adolescentes a descoberta de suas

potencialidades criativas, através de oficinas. As técnicas artísticas visuais dialogaram com a expressão corporal, a argila e a música.

A sociedade contemporânea tem alcançado grandes avanços tecnológicos, mas não consegue diminuir os constantes conflitos de ordem social, política e cultural que afetam, sobretudo, as camadas mais carentes da população. Ao mesmo tempo em que queremos descobrir novas abordagens pedagógicas, defrontamo-nos com uma série de conflitos: os adolescentes chegam à escola com muitos problemas e dificuldades de aprendizagem. Quanto aos adolescentes infratores, a sua concentração e capacidade de assimilar informações são ainda mais reduzidas.

Como educadores sociais, temos de renovar o olhar para o processo educacional desses adolescentes, levando em conta que, na maioria das vezes, podemos não estar preparados como educadores para enfrentar algumas consequências geradas pela problemática social atual. O que fazer? Buscar o equilíbrio pessoal, pedindo ajuda aos colegas, administradores escolares, capacitando-se profissionalmente, desenvolvendo um processo de descoberta do sentido da vida. Só assim, alcançaremos os objetivos propostos nos planejamentos didáticos e poderemos criar ambientes, tanto físicos como culturais, nos quais os adolescentes poderão desenvolver as habilidades e competências de base que eles precisam no momento certo. Às vezes, isto significa adiar algumas experiências, em outros casos, significa ficar com o que já experimentamos e funcionou bem.

Destaque-se, para os objetivos deste trabalho, a ocorrência de estresse, esgotamento corpo-mente, aparecimento de doenças psicossomáticas, desequilíbrios e desajustes em nível pessoal ou familiar notadamente relacionado às configurações familiares da população estudada.



Ao reeducar-se o adolescente, por meio de recursos arteterapêuticos, demonstra-se que a Arteterapia pode muito bem constituir uma intervenção na cura das angústias, num efetivo instrumento de resposta construtiva às pressões da vida cotidiana, já que “o ato de ‘cura’ é mobilizado e ampliado por um processo de aprendizagem em que o sujeito acredita ser capaz de transformar-se, de libertar-se e de se tornar construtor dos caminhos em busca da libertação” (CIORNAI, 2005, p 31). Sob os impactos da modernidade na sociedade incapaz de incluir a todos, a Arteterapia permite diminuir tensões, resgatar a autoestima, a participação criativa, recuperar um sentido positivo de atitudes em relação à vida e uma melhor inserção no seio da comunidade.

Data de recebimento: 03 de Julho de 2015.

Data da primeira revisão: 21 de Agosto de 2015.

Data da segunda revisão: 24 de Outubro de 2015.

Data de aceite: 24 de Outubro de 2015.

## Referências

ARCURI, I. G. **Arteterapia e o corpo secreto: técnicas expressivas coligadas ao trabalho corporal**. São Paulo: Vetor, 2006.

AULETE, C. **Novíssimo Aulete dicionário contemporâneo da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.

BARBIER, R. **A Pesquisa-ação**. Brasília: Plano, 2002.

CIORNAI, S. (Org.) **Percursos em Arteterapia: arteterapia e educação, arteterapia e saúde**. São Paulo: Summus, 2005.

CNBB. **Liberdade Assistida. Um projeto em construção** - Sistematização da Experiência do Programa Medida Socioeducativa de Liberdade Assistida executado pela Pastoral do Menor - 2002 a 2007. Belo Horizonte/MG, 2010.

COSTA, A. C. G. **Pedagogia da Presença: da Solidão ao Encontro**. Belo Horizonte: Modus Faciendi, 1997.

ECA (**Estatuto da Criança e do Adolescente**). Lei Federal Nº 8.069/1990. São Paulo: Paulus, 2012.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2011a.



FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. 17. ed. – São Paulo: Paz e Terra, 2011b.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 54. ed. rev. e atual – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

GOLINELLI, R. Arte Terapia: um caminho para a expressão dos sentimentos. **Arte Terapia: Revista Imagens da transformação**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 9, p. 199-204, 2002.

GRACIANI, M. S. S. **Pedagogia Social de Rua**: análise e sistematização de uma Experiência vivida. 6. ed. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2009.

THIOLLENT, M. **Pesquisa-ação nas organizações**. São Paulo: Atlas, 1997.

VALLADARES, A. C. A. A arteterapia e a reabilitação psicossocial das pessoas em sofrimento psíquico. In: VALLADARES, A. C. A. (Org.) **Arteterapia no novo paradigma de atenção em saúde mental**. São Paulo: Vetor, 2004. p.11-13.



## Artigo Original

### O SOPRO COMO SÍMBOLO DA FORÇA CRIADORA EM ARTETERAPIA

### THE BREATH AS A SYMBOL OF CREATIVE FORCE IN ART THERAPY

Maria Luiza Gava Schmidt<sup>4</sup>

Gislaine Cristina Pereira Santos<sup>5</sup>

Cássia Regina de Toledo Rando<sup>6</sup>

### Resumo

O objetivo deste trabalho é apresentar a experiência de uma oficina criativa realizada durante o curso de formação em Arteterapia junto ao Instituto Bauruense de Psicodrama (IBAP). A oficina teve a participação de sete alunas e da professora (supervisora) e objetivou a prática arteterapêutica e aprimoramento das técnicas. O planejamento e realização foram conduzidos por duas alunas e teve como proposta uma atividade utilizando como tema o sopro a fim de evidenciar as potencialidades de utilização desta no que tange à funcionalidade e possibilidades de criação. A oficina teve duração de duas horas e seguiu as etapas: Sensibilização; Expressão Livre; Elaboração; Transposição de Linguagem e Avaliação. Esperamos com a divulgação desta experiência

---

<sup>4</sup> Psicóloga, Psicodramatista. Doutorado em Saúde Coletiva – FCM – UNICAMP; Pós- Doutorado em Saúde Coletiva – FCP/USP. Docente no Curso de Graduação em Psicologia – Faculdade de Ciências e Letras – UNESP. Aluna do Curso de Especialização em Arteterapia Instituto Bauruense de Psicodrama – IBAP.

<sup>5</sup> Tecnóloga em Gestão de Pessoas, MBA em Gestão Estratégica de Pessoas – FGV. Aluna dos Cursos de Especialização em Arteterapia e Psicodrama do Instituto Bauruense de Psicodrama – IBAP.

<sup>6</sup> Graduada em Educação Artística com Habilitação em Artes Plásticas pela Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1979); Pedagogia com Habilitação em Supervisão e Administração Escolar pelo Centro Universitário Claretiano - UNICLAR - Batatais-SP (1981); Especialização (lato sensu) em Arteterapia pela Universidade Castelo Branco/ Instituto Nacional de Pós -Graduação / Alquim Art (2007); Especialização (lato sensu) em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela Faculdade Internacional de Curitiba-FACINTER (2013). Ministrou aulas de Artes por mais de 30 anos em Escolas Públicas Estaduais-SP (1980-2011). Atualmente é Arte-educadora na FACOL - Faculdade Orígenes Lessa e Colégio/Liceu Francisco Garrido – Lençóis Paulista-SP, Artista-educadora e Arteterapeuta em seu Atelier Particular e Co-Coordenadora, Professora e Supervisora de Estágio do Curso de Especialização em Arteterapia no Instituto Bauruense de Psicodrama - IBAP- Bauru-SP.

contribuir para o desenvolvimento do conhecimento no campo da Arteterapia sobretudo mostrando a importância da técnica descrita nas questões que envolvem a funcionalidade do ser humano e as suas restrições, possibilitando meios de expressão e contribuindo para a inclusão social bem como para a saúde e qualidade de vida.

**Palavras-chave:** Arteterapia, Funcionalidade Humana, Criatividade.

### **Abstract**

This work aims to present the experience of a creative workshop held during the training course in Art Therapy along the Instituto Bauruense de Psicodrama (IBAP). The workshop was attended by seven students and the teacher (supervisor), aiming the art therapeutic practice and the improvement of techniques. Planning and conducting were led by two students and the proposal was an activity using the breath as theme in order to highlight the potential of its use regarding functionality and possibilities of creation. The workshop lasted for two hours and followed the steps of Awareness, Free Expression, Development, Language Transposition and Evaluation. We hope that the dissemination of this experience contributes for the development of knowledge in the Art Therapy field, especially showing the importance of the described methodology on issues involving the functionality of the human being and its constraints, enabling means of expression and contributing to social inclusion as well as to health and quality of life.

**Keywords:** Art Therapy, Human Functionality, Creativity.

### **Introdução e Justificativa**

As Ciências da Funcionalidade referem-se ao “Modelo integrador da funcionalidade e incapacidade humanas proposto pela Organização Mundial de Saúde (OMS) com a sua Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde (CIF), o qual

proporcionou à comunidade científica uma mudança de paradigma na reabilitação e na pesquisa a ela relacionada” (STUCKI, et al., 2008, p.64).

Esse modelo baseia-se numa perspectiva bio-psico-social dedicada a entender os fenômenos que envolvem o desenvolvimento do indivíduo, englobando as áreas social, psicológica e biocomportamentais (CIF, 2003).

No âmbito da CIF os componentes de funcionalidade e incapacidade incluem duas classificações, sendo uma para as funções dos sistemas orgânicos e outra para as estruturas do corpo podendo ser expressos de duas maneiras. Por um lado, eles podem ser utilizados para indicar problemas (e.g., incapacidade, limitação de atividade ou restrição de participação designadas pelo termo genérico deficiência); por outro lado, eles podem indicar aspectos não problemáticos (i.e. neutros) da saúde e dos estados relacionados com a saúde resumidos sob o termo funcionalidade (CIF, 2003).

Em ambas as situações, a Arteterapia mostra-se como uma abordagem adequada uma vez que possui um caráter terapêutico e pedagógico tendo como instrumentos uma variedade de técnicas expressivas também utilizadas no campo da arte (normalmente as artes plásticas embasadas nos recursos da pintura, escultura, desenho, modelagem, teatro entre outros) que permitem o afloramento do autoconhecimento e da criatividade, a descoberta de potencialidades, habilidades e competências, além de estimular a liberação de energias psíquicas e facilitar a expressão de conteúdos inconscientes levando o indivíduo à conscientização dos mesmos (URRUTIGARAY 2011; BITTENCOURT 2014; ALVES 2011).

A visão geral dos componentes da CIF dispõe ao contexto de saúde as seguintes definições:

- Funções do corpo são as funções fisiológicas dos sistemas orgânicos (incluindo as funções psicológicas).



- Estruturas do corpo são as partes anatômicas do corpo, tais como, órgãos, membros e seus componentes.
- Deficiências são problemas nas funções ou nas estruturas do corpo, tais como, um desvio importante ou uma perda.
- Atividade é a execução de uma tarefa ou ação por um indivíduo.
- Participação é o envolvimento de um indivíduo numa situação da vida real.
- Limitações de atividade são dificuldades que um indivíduo pode ter na execução de atividades.
- Restrições de participação são problemas que um indivíduo pode enfrentar quando está envolvido em situações da vida real.
- Fatores ambientais constituem o ambiente físico, social e atitudinal em que as pessoas vivem e conduzem sua vida.

Mediante essas pontuações, compreendemos que quando o assunto envolve desenvolvimento da funcionalidade humana, a Arteterapia mostra-se como uma abordagem promissora para ser utilizada em diferentes contextos, podendo ser empregada em indivíduos deficientes, em situações de readaptação e reabilitação e também em ações voltadas para prevenção de adoecimento e promoção da saúde em especial a saúde mental, ou seja, é uma abordagem que atende as questões relativas à saúde e os estados relacionados com a saúde associados a qualquer condição de saúde descritos na CIF.

Desse modo, pretendemos evidenciar que a utilização das técnicas e encaminhamentos propostos pela Arteterapia no resgate da funcionalidade humana revela-se uma ferramenta que possibilita várias intervenções, tais como: a coleta e registro de dados a partir de produções; a medida de resultados de qualidade de vida das pessoas ao se constituir como um a ferramenta de investigação; a avaliação de

necessidades, compatibilizar os tratamentos, ao se constituir como uma ferramenta clínica e terapêutica, a avaliação de aptidões profissionais, a reabilitação e o acompanhamento de resultados nestas situações específicas. Ademais é também uma abordagem relevante para ser utilizada no planejamento de intervenções em políticas públicas de saúde e na elaboração de programas e projetos visando o desenvolvimento do indivíduo. Além de ser um suporte à inclusão social pelo fato de proporcionar atividades que auxiliam o indivíduo a se expressar, respeitando suas limitações e restrições à participação.

Estas intervenções são possíveis, pois a função da Arteterapia,

é possibilitar e promover mudanças com vista à integralidade do indivíduo e, conseqüentemente, à melhoria na qualidade de vida, colaborando para a construção de um mundo onde a possibilidade de escolha, a liberdade e o respeito à singularidade sejam fatores – chave para vida em comunidade (ACAMPORA & ACAMPORA, 2014, p.13).

Frente a estas concepções e considerando o arteterapeuta como “um mensageiro do mundo dos sentidos”, conforme descrito por Philippini (2011, p.31) e concordando com esta autora de que nossa cultura é extremamente visual, propusemos uma oficina na qual nem o olhar nem o tato fossem o foco, mas sim a boca como canal expressivo habitualmente pouco utilizado no contexto arteterapêutico, mas de fundamental importância, tanto em termos de conteúdo criativo como simbólico.

No que tange ao conteúdo criativo, vale pontuar que a Arteterapia contribui para elaboração do potencial criador. Todavia,

a criatividade se realiza em conjunto com a realização da personalidade de um ser, da maturação como processo essencial para criação. Com a maturidade o ser humano criará espontaneamente, exercerá sua criatividade como função global e expressiva da vida, e como medida de sua gratificação (BITTENCOURT, 2014, p.50).

Assim sendo, “no processo arteterapêutico, a compreensão dos múltiplos significados contidos nos símbolos advém do trabalho criativo, plástico e expressivo que

deve, sempre que possível preceder a abordagem verbal ao mesmo” (PHILIPPINI, 2009, p. 16).

Ademais a utilização da boca, poderá ser uma prática arteterapêutica promissora para o despertar da funcionalidade humana e oferecer ao indivíduo novas formas de significação.

## **Objetivos**

A oficina criativa intitulada o Sopro como Símbolo da Força Criadora, teve como objetivos: Mostrar a importância do sopro para a expressão de conteúdos criativos; Propiciar aos participantes a estimulação sensorial da boca; ativando processos criativos e reconhecimento deste canal expressivo; Ampliar o conhecimento sobre a utilização de técnicas expressivas; Apresentar os conteúdos simbólicos da boca e do sopro e a compreensão destes significados; Possibilitar reflexões sobre o uso da boca em atividade arteterapêutica com indivíduos que apresentem incapacidades ou limitações, sobretudo dos membros superiores.

Assim sendo, a proposta em oferecer uma oficina utilizando a boca foi pensada no sentido de propiciar aos participantes uma oportunidade de construir seu processo criativo, a partir da dispensa do processo manual.

Foi também objetivo possibilitar às alunas do curso de Arteterapia um momento para se colocar no lugar do outro, uma vez que estas poderão em algum momento da vida profissional vir atuar com pessoas deficientes ou em processo de reabilitação, em que a possibilidade de alguma criação se dará utilizando apenas a boca. Por esta experiência elas puderam sentir as dificuldades, necessidades bem como os sentimentos provocados pela limitação do uso das mãos, além de experienciarem as possibilidades de expressão por meio da boca em especial a função de soprar.

## A simbologia da boca e do sopro

De acordo com Philippini (2009, p. 16) “no processo arteterapêutico, a compreensão dos múltiplos significados contidos nos símbolos advém do trabalho criativo, plástico e expressivo que deve, sempre que possível, preceder a abordagem verbal ao mesmo”. Por isto, as técnicas de sensibilização foram planejadas visando a exploração da boca (movimentos e sons que podem ser emitidos).

Durante o planejamento da oficina procuramos nos informar sobre a simbologia deste órgão e para isto, consultamos o Dicionário dos Símbolos de autoria de Chevalier e Gheerbrant (2001). Dentre os vários significados, rituais e representações descritas sobre a boca, foi surpreendente saber que “a boca é o símbolo da força criadora e, muito particularmente, da insuflação da alma” (CHEVALIER & GHEERBRANT, 2001, p. 133).

Como as atividades tinham como foco o sopro, a busca pela simbologia optamos por realizar uma busca bibliográfica como o objetivo de fundamentar melhor nossa atividade.

Variando de uma tradição a outra, o sopro possui uma diversidade de simbologias (propriedades mágicas, de cura, conservação da vida, entre outras).

Nós somos portadores do Sopro, do *pneuma* (espírito). O canto é o próprio sopro, e esse sopro é uma força criativa, que, tornando-se um com a palavra, doa vida a ela. Privada de sopro, a carne não se constrói. É o sopro que mantém o corpo vivo. O Universo é constituído por vibrações, e música é vibração. Ao cantar nossa própria música, estamos imprimindo ritmo às nossas vidas, acolhendo o Sopro de forma que ele se manifeste única e singularmente no nosso ser. (DINIZ, 2014, p. 37)

Chevalier & Gheerbrant (2001) descrevem que o sopro, universalmente, simboliza “o sentido do princípio da vida”.

Esse “sentido do princípio da vida” atribuído ao sopro está descrito também em textos bíblicos, como exemplo citamos o trecho apresentado por Biderman, (1988)

Na Bíblia a força da palavra divina não se circunscreve a Deus, mas difunde-se por seus enviados: os profetas. Porque eles são arautos do Altíssimo, os profetas são dotados do mesmo dom divino que lhes é comunicado na sua missão. Um dos momentos privilegiados desta manifestação é o relatado no livro do profeta Ezequiel (séc. VI A.C.). Sob o impulso do Espírito de Deus o profeta Ezequiel é conduzido ao meio do vale coberto de ossadas ressequidas. “Ele disse: pronuncia um oráculo sobre essas ossadas.[...] Pronunciei o oráculo como havia recebido a ordem; e houve um grande ruído enquanto eu pronunciava o oráculo e produziu-se um movimento: as ossadas se aproximaram umas das outras. Olhei: eis que havia sobre os ossos nervos, crescia carne e estendia-se pele por cima; mas não havia sopro neles. Ele me disse: Pronuncia um oráculo sobre o sopro, pronuncia um oráculo, filho do homem; dize ao sopro: Assim fala o Senhor Deus: Sopro, vem dos quatro ventos, sopra sobre estes mortos e eles viverão. Pronunciei o oráculo como havia recebido a ordem, o sopro entrou neles e eles reviveram; puseram-se de pé: era um exército numeroso. (Ez. 38, 1-10, apud BIDERMAN, 1988, p. 86).

Considerando que a “Arteterapia utiliza-se do rito e do conhecimento teórico sobre os mitos como um dos instrumentos possíveis para acessar conteúdos do inconsciente” (DINIZ, 2014, p. 14). Vale mencionar também a simbologia do sopro na Mitologia, representado simbologia protetiva.

Como um desses exemplos mitológicos temos a Deusa RÃ um mito do renascimento a partir do sopro. Dessa maneira, ela não era considerada apenas uma deusa do nascimento, mas também da ressurreição, em função de seus poderes de transmitir o sopro da vida. Como forma de proteção das mulheres, amuletos com seu nome eram usados na hora do parto. Um tipo de instrumento musical popular de percussão, apresentava a imagem ou o nome da deusa como proteção.

Na Mitologia grega, o sopro também está associado ao poder de Zéfiro, com sopros tido como benfazejos por sua brisa suave ou vento agradável, pois era o mais suave de todos os ventos tido como frutificante e mensageiro da primavera.

Para Leloup (1999), o sopro é compreendido como simbologia do corpo, e assim ele orienta,

Quando você toca alguém, nunca toque só um corpo. Quer dizer, não se esqueça de que você toca uma pessoa e que nesse corpo está toda a memória de sua existência. E, mais profundamente ainda, quando você toca um corpo, lembre-se que você toca um sopro, que esse sopro é o sopro de uma pessoa com os seus entraves e dificuldades e, também, é o grande sopro do universo. Assim, quando você tocar um corpo, lembre-se de que você toca um templo (LELOUP, 1999, p. 26).

## **Aspectos metodológicos**

### **O contexto**

Esta oficina foi realizada no Instituto de Psicodrama de Bauru, durante uma atividade de prática dirigida junto ao curso de especialização em Arteterapia. Teve duração de duas horas. Para realização foram utilizados dois espaços para o território criativo. Esta divisão se fez necessária posto que, devido ao barulho produzido pelo grupo corríamos o risco de interferir no grupo de alunos que estavam em aula numa sala próxima. Assim sendo, num primeiro momento as atividades foram desenvolvidas numa sala interna, onde foram colocadas em prática as primeiras vivências. Num segundo momento tomando o cuidado técnico de não desaquecer os participantes seguimos para uma sala mais ampla, no espaço externo, onde foram disponibilizados os materiais para continuidade da proposta.

### **Os sujeitos**

Participaram desta oficina oito pessoas no total, sendo sete alunas e uma professora/supervisora. Uma das alunas atuou na direção da oficina e outra no registro das atividades e dos resultados, cinco atuaram como participantes das atividades e a

supervisora auxiliou no registro das imagens e nas ponderações sobre a prática e técnicas empregadas.

### **Aspectos éticos e metodológicos**

Antes do início das atividades, as participantes foram consultadas sobre a proposta de publicação do trabalho. Todos concordaram e assinaram um termo de autorização de uso das imagens produzidas individualmente e em grupo. Para garantir a privacidade, optamos por manter no registro das falas e imagens o anonimato, apresentando os participantes através do P, seguido de um número.

Como procedimento foi realizada uma Oficina Criativa. Esta técnica arteterapêutica descrita em Allessandrini (2002; 2004), tem como objetivo orientar o profissional nesta proposta de trabalho.

O direcionamento da oficina seguiu as seguintes etapas: Sensibilização; Expressão Livre; Elaboração; Transposição de Linguagem e Avaliação conforme descritos por Allessandrini (2002; 2004), seguem especificadas:

Sensibilização: Nesta etapa ocorre o contato com o trabalho, com o mundo interno. É o momento em que se procura motivar o grupo a participar das atividades e se estreitam os laços entre os componentes. Neste momento são indicadas atividades que favoreçam o relaxamento como dinâmicas de grupo, lúdicas e de construções imaginárias etc.

Expressão Livre: É o momento em que se estimula o grupo a fazer uso do corpo exercitando suas funções psicomotoras e expressando seus sentimentos e pensamentos, por meio da música, dança, dramatização, mímica, construção com sucata, produção de texto, pintura, desenho, colagem, montagem, resolução de desafios, jogos etc... É uma fase que se destaca o sentir, o perceber, e explorar o material proposto.

Elaboração da Expressão: Trata-se do momento em que o grupo complementa, organiza melhor e dá acabamento às suas produções (desenhos, pinturas, textos etc.). Nesta etapa há um redimensionamento do que foi descoberto até o momento e os significados se ampliam.

Transposição de Linguagem: Neste momento a palavra é evocada como elemento mediador da expressão. Os participantes do grupo manifestam livremente, sentimentos e pensamentos por meio da escrita e da fala.

Avaliação: É o momento em que se faz a “retomada do processo” e que permite a conscientização e percepção crítica do indivíduo na aquisição de novos conhecimentos. É o momento de olhar e rever cada etapa, reelaborando conteúdos ainda não explicitados ou avaliando a dimensão de significado simbólico da totalidade da experiência vivida. Para fazer o fechamento, utiliza-se uma dinâmica de grupo, uma leitura de mensagem, uma música de relaxamento ou confraternização. Em seguida, o grupo faz uma avaliação das atividades desenvolvidas, da participação e aproveitamento de cada um e aponta o que houve de positivo e negativo. Nesta etapa procura-se tornar consciente a vivência, elaborações e aprendizagens.

As técnicas empregadas para passagem por estas etapas foram: jogos arteterapêuticos e pintura.

A escolha dos jogos se deu sobretudo porque o jogo em si é uma atividade lúdica, é um recurso técnico facilitador de expressão e interação entre as pessoas, é um instrumento rico em possibilidades e facilita o aquecimento para envolver os participantes nas atividades.

Outra técnica expressiva utilizada foi a pintura, sobretudo, por ser “uma das técnicas mais usadas no processo arteterapêutico” (BRASIL, 2013, p. 127). Além disto, pelo fato da pintura ter sido produzida pela boca a proposta foi tornar o ato de pintar um

meio de expressão tão eficaz quanto a fala. Como descreveu Brasil (2013), “por meio de traços, sombra, figura e fundo, a expressão de conteúdos torna-se tão clara, tão evidente que percebemos a sonoridade da voz nas cores e sombras” (BRASIL, 2013, p. 101-102).

### **Os materiais e equipamentos**

Para realização dos jogos utilizamos balões, apitos, kits para produção de bolhinhas de sabão. Para pintura foram utilizados papel sulfite de 180 gramas, canudos de plástico e tinta guache.

Usamos também o notebook com caixa de som para audição e projeção das músicas e máquina fotográfica para registro das imagens.

### **Desenvolvimento das atividades**

#### **Atividades de sensibilização e expressão livre**

De acordo com Brasil (2013) “os materiais utilizados em diversas atividades expressivas tornaram-se fonte inesgotável de recursos para facilitar a comunicação com o inconsciente” (BRASIL, 2013, p. 83).

Na etapa da Sensibilização essa comunicação com o mundo interno pode ser facilitada com estímulos sonoros provenientes de músicas em especial as que favoreçam o aquecimento. Assim sendo, a música, nessa etapa surge como uma técnica auxiliar na expressão de conteúdos.

Além de possuir um valor técnico a música é considerada também um “espelho da ressonância cósmica que compreende todo universo e, a harmonia, por sua vez, é um ideal arquetípico de totalidade” (LIMA NETO, 2013, p.80).

Nessa perspectiva, a oficina teve início a partir da proposta de atividade, solicitamos que todas ficassem em pé, colocamos uma música de relaxamento *Gracias*

(WITT, 2012) e iniciamos um aquecimento a fim de desacelerar a respiração, utilizando a técnica de inspirar e expirar.

Após alguns minutos partimos para segunda atividade, solicitamos que todas enchessem balões. Enquanto enchiam, colocamos a música: *Agnus Dei - instrumental violino* (ESPIRITU, 2009). Dando continuidade convidamos a todas a brincar com os balões, sem deixá-los cair, trocando entre si ao som da música *Relaxing hymns on piano: a whole hour of spiritual music* (CROFT, 2013) solicitamos que formassem uma imagem coletiva dos balões com os balões. A imagem formada está apresentada na Figura -1.

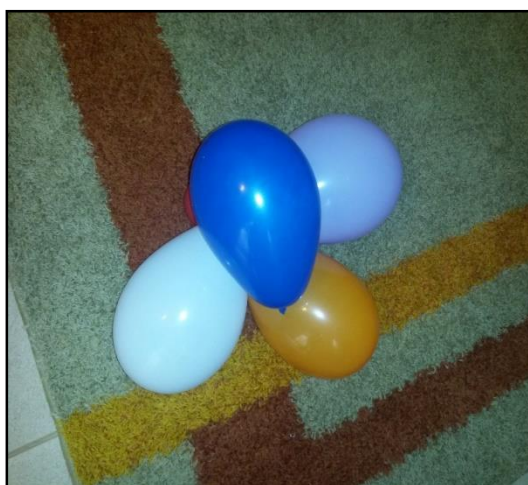


Figura 1 - Imagem coletiva dos balões

Após a criação da composição pedimos que verbalizassem palavras que de alguma forma traduzissem a percepção que tinham daquela imagem, dando um título à construção: Eis as palavras: Cores, Sem querer, Acaso, Diferença, Unidos, Improviso, Entrelaçado.

Recolhidos os balões partimos para a próxima atividade que se consistiu na entrega de apitos em formato de pássaro.

Consigna: “Caminhando e expressando movimentos corporais, apitem como se fossem passarinhos. Podem andar e apitar como quiserem”.

Perguntamos: “Os pássaros assobiam por algum motivo – qual o motivo desse bando”?

Eis as respostas:

“Eu sou uma águia nem dá pra me ouvir”.

“Estou viva, ainda é dia”.

“Estou feliz.”

“Está chovendo”.

“Pra seguir o bando”.

Em continuidade e objetivando manter o grupo aquecido, inserimos outra atividade. Todas em pé, caminhando, entregamos kits para soprar bolhas de sabão, ao ritmo da música *Relaxing Hymns On Piano - A Whole Hour of Spiritual Music* (CROFT, 2013).

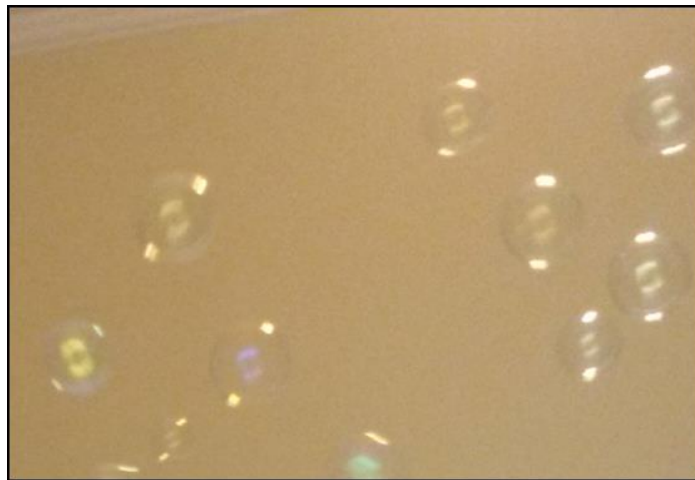


Figura 2 - Bolhinhas de sabão produzidas pelo grupo

Consigna: “Observem as bolhas, ouçam a música e reflitam que sensações, sentimentos essa atividade traz para vocês. As bolhinhas só saem porque vocês estão soprando. Agora, respondam a pergunta”: Se eu fosse uma bolhinha de sabão onde eu pararia?

“No chão, porque é onde para, mas na água seria melhor”.

“No mar, para me unir com algo maior, pra continuar existindo”.

“Numa floresta úmida e fechada, com cheiro da floresta”.

“Junto com minha família, várias bolhinhas”.

“Num colo, é o que preciso essa semana, estou fragilizada”.

Observação: O grupo se sensibilizou, trocaram carinhos e afagos.

Seguimos inserindo uma atividade que denominados de “Brincando com os sons através das letras do alfabeto”.

Consigna: “Vocês receberão letras do alfabeto, certamente vocês aprenderam a pronúncia de uma forma muito conservadora. Como poderíamos ensinar o alfabeto através de forma mais criativa?”

Como posso apresentar o alfabeto? (trabalhando o som, a boca, com criatividade e a expressão corporal).”

Assim sucessivamente, as letras foram sendo apresentadas de formas criativas e divertidas, sendo utilizado sobretudo o movimento corporal.

“Como estão se sentindo?”

“Ótimas”.

“Aquecidas”.

“Estamos bem”.

“Bolhinhas foram muito legais pra mim, até hoje brinco”.

“Voltei na infância”.

“Lembrei-me da cinderela, estava colorido”.

As atividades acima descritas com uso de balões, bolhas de sabão, música, letras do alfabeto, apitos, expressão corporal foram embasadas em jogos de percepção, interação e ludicidade, de modo a propiciar o aquecimento e a emergência das expressões livres.

Iniciar atividades arteterapêuticas com jogos é importante, pois “o jogo confere um sentido a uma determinada ação, caracterizando uma ação lúdica em uma função social. É fundamental para o desenvolvimento do indivíduo, produz sua subjetividade e configura uma troca” (BITTENCOURT, 2014, p. 103).

Percebendo que as participantes estavam aquecidas, propusemos a saída daquele espaço, tomando o cuidado de manterem o aquecimento no trajeto entre uma sala e outra. Para isto, solicitamos que permanecessem em silêncio durante o percurso mantendo as reflexões propiciadas nas atividades até então desenvolvidas.

### **Atividade de Expressão Livre e Elaboração da Expressão**

Neste outro espaço, distribuimos papel sulfite de gramatura 180 gramas, canudos e tinta guache diluída em água e propusemos uma atividade de expressão livre, na qual solicitamos que individualmente cada uma soprasse a tinta através do canudo, e movimentando este canudo e explorando o material sem o uso das mãos fizessem uma pintura.

A linguagem da pintura requer uma postura inventiva “porque possui uma natureza específica, em sua maneira de comunicar uma ideia, uma imagem, um signo, um símbolo” (ORMEZZANO, 2009, p. 58).

A tinta guache por ser solúvel em água possui fluidez. E, “a fluidez e a expansão das tintas favorecem a liberação, o soltar-se, a ultrapassar limites e barreiras internas” (CARRANO & REQUIÃO, 2013, p. 99).

Ainda, segundo Philippini (2011) “as tintas, quanto mais líquidas forem, mais efetivamente nos permitirão recuperar ou restaurar experiências de fluidez espontânea” (p. 25).

Nessa fase, além da exploração do material proposto é um momento de afloramento de percepção e sentimentos e a emergência de imagens imaginárias transpostas em imagens criadas, onde expressões subjetivas são convertidas em comunicação objetivada (URRUTIGARAY, 2011).

Segundo essa autora “a Arteterapia alcança sua meta como função terapêutica por permitir essa passagem de um conteúdo inconsciente, não assimilado, transmutado ou transformado em outro conscientizado” (URRUTIGARAY, 2011, p. 27).

No entanto, “para compreender a importância que a interpretação da imagem pode ter em um processo de autoconhecimento, seja ele educacional ou terapêutico, precisamos, em primeiro lugar, nos perguntar porque uma pessoa faz um desenho ou uma pintura” (ORMEZZANO, 2009, p. 9).

A resposta segunda essa autora, surgem de vários motivos,

As motivações podem ser desde o gesto espontâneo, que procura expressar alguma realidade pessoal, o mero passatempo, até a colocação diretiva em uma colocação de estudo, diagnóstico ou terapia. Seja qual for a situação inicial que deu origem a uma imagem desenhada ou pintada, ela sempre será o resultado de uma manifestação do inconsciente e da realização, até certo ponto consciente, dessa manifestação. Representa a união dessas duas dimensões psíquicas, podendo também incluir aspectos mais antigos da experiência humana. No caso, estamos lidando com a dimensão arquetípica constelada na imagem diante de nós. (ORMEZZANO, 2009, p. 9).

A seguir estão apresentadas as imagens das experiências criativas individuais das participantes, bem como suas respostas a essas construções.



Figura 3 - Paixão

P1 – Palavra “Estouro”: “Porque não tive muito controle. No começo estava difícil, as cores estouravam, tentei dominar melhor e fiquei mais feliz, mas coloquei o preto e estourou novamente, tudo causado por estouro de pulmão. Sempre gostei de arte com estouro de balões, fiz um link da vivência com a pintura com balões, a vivência me permitiu fazer algo que sempre gostei, mas ainda não tinha feito (pintura com estouros). O título é Paixão”.

A participante revela suas dificuldades ao iniciar a atividades e também se diz surpresa com a possibilidade de experienciar o material e, sobretudo, de ter gostado.

Isso reafirma a concepção de que “a ação de uma imaginação criadora é um passo viável, visível e objetivado que possibilita aproximar elementos ou realidades ocultas (inconscientes) às dimensões mais acessíveis de serem compreendidas, facilitando a conscientização dos mesmos” (URRUTIGARAY, 2011, p. 27).



Figura 4 - Encantamento

P2 – Palavra “Inesperado”– “um Caos: Eu não pararia pra fazer isso, percebi que não tinha controle, total descontrole, fruto da respiração. Muito difícil. O título ficou Encantamento”.

Em P2, o que era dificuldade se transformou em encantamento. Sua palavra “inesperado” denota sua percepção de que a experiência foi significativa. “Fazer sem a intenção de ter um sentido é o que possibilita a criação verdadeira e genuína” (BRASIL, 2013, p. 26).



Figura 5 - Transparência

P3 – Palavra “Vidro” – “Pra mim tive dificuldade, usei a mão várias vezes, queria controlar e não conseguia. Depois deixei mais leve suave, deixei fluir. Coloquei o título Transparência”.

Ao comentar sobre sua imagem, P3 nos revela seu processo criativo, dizendo sobre a dificuldade em realizar a atividade sem o uso das mãos. Aborda também a fluidez que foi emergindo no decorrer do processo, o que denota a liberação do fluxo de energia psíquica em prol da sua expressividade. O fluxo que faz emergir a criatividade num percurso livre e desimpedido.

Mediante essas ponderações, observamos na fala de P3, o quanto o processo arteterapêutico implica fluxo, dinamismo, propicia desvelamentos, além de favorecer interações e insights (PHILIPPINI, 2011).



Figura 6 - Diferença

P4 - Palavra – “Diferença”: “Diferentes cores e quando se juntam dá um efeito legal se tornam grandes, fortes, se destacam, mesmo sendo diferentes precisam estar juntos para ficar colorido. Por isso o título Diferença”.

As observações de P4 confirmam que “as cores apresentam uma infinita gama de variedades, que são geradas por partículas dos estímulos, estando mais ligados à percepção do que a sensação” (CHENDO, 2011, p. 63).

Ainda, na concepção dessa autora,

O fenômeno da percepção da cor é muito mais complexo que o da sensação. Na percepção, contam apenas os elementos físico (luz) e fisiológico (olho) e, na sensação, entram, além dos elementos mencionados, os dados psicológicos que alteram substancialmente a qualidade do que se vê (CHENDO, 2011, p.63).



Figura 7 - Sopro

P5 – Palavra – “Cores da Vida”. “Porque as cores representam um pouco de mim. Pensei o motivo da escolha das cores e o que elas representam”. O título denominei de Sopro”.

Analisando as colocações de P5, acerca de sua imagem fica evidente o que foi salientado por Chendo (2011). De que “cada caminho expressivo é unido e singular, pois cada indivíduo possui sua própria história, vivências e experimentações, gerando dessa forma, escolhas próprias, interpretações livres e leituras diferenciadas” (CHENDO, 2011, p. 68-69).

Ademais, acrescenta a autora,

Esse caminho expressivo único e singular, que se utiliza da cor, é essencial na Arteterapia. Assim como a trajetória pode ser vista sobre a perspectiva das cores, a história pessoal do cliente pode ser vista por meio da utilização da cor nas produções simbólicas artísticas geradas no *setting* arteterapêutico (CHENDO, 2011, p. 69).

Vale acrescentar que, é possível observar que em todas as pinturas as imagens são abstratas, e fazem “fluir emoções e sentimentos, buscando movimentos de soltura e regressão” (BITTENCOURT, 2014, p. 102). Entretanto, a autora descreve que,

A arte abstrata é como uma forma de arte que não representa objetos próprios da nossa realidade concreta exterior, usa as relações formais entre cores, linhas e superfícies para compor a realidade da obra, de uma maneira “não representacional” (BITTENCOURT, 2014, p. 102).

### **Atividade de Transposição da Linguagem**

Concluídas as apresentações, solicitamos que o grupo formasse uma imagem coletiva com as pinturas e na sequência elaborassem uma frase, inserindo todos os títulos.



Figura 8 - Imagem Coletiva das Pinturas do Grupo

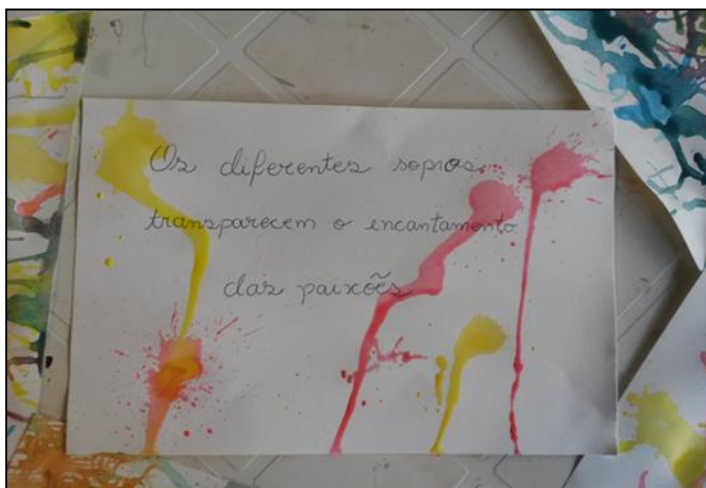


Figura 9 - “Os diferentes sopros transparecem o encantamento das paixões”

Finalizando, solicitamos que todos ficassem sentados em círculo, entregamos uma cópia dos textos contendo os conceitos simbólicos da “Boca” e do “Sopro”, extraídos do Dicionário dos Símbolos (CHEVALIER & GHEERBRANT, 2001).

Fizemos uma exposição sobre o conteúdo dessas simbologias e concluímos com o compartilhamento conforme segue abaixo.

### **Avaliação**

Para o desenvolvimento desta etapa inserimos o “Jogo da Tribuna”. Neste cada uma das participantes tinha um tempo predeterminado (dois minutos) para expor os significados da experiência vivida, bem como as ponderações acerca de aspectos positivos e negativos observados e as contribuições para o processo de vivência, elaboração e aprendizagem. Seguem os discursos:

P1: “Desde o começo me senti muito à vontade, pensei muito em estar aqui inteira. Senti que foi algo crescente. O sopro é algo delicado e tão simples. Muito significativo e simples”.

P2: “Momentos bem introspectivos, leves, suaves. Senti-me bem, a dificuldade foi apenas não usar as mãos. Bem colorido, músicas foram bem relaxantes, poderiam ter músicas mais agitadas”.

P3: “Bem significativo, o silêncio foi importante, o evitar conversas paralelas também. A expressão com a voz”.

P4: “Foi bom, só tenho medo de estourar balões. Porque “diferença” desde o início, porque tenho que elaborar dentro de mim que todos são diferentes e que a diferença das pessoas irá complementar a minha. Aceitar a diferença. Não preciso agradar a todos, apenas reconhecer que todos são diferentes”.

P5: “Gostei de participar, não gostei da parte do apito, mas não deixei isso me incomodar. Gostei da atividade e do efeito que produz”.

Supervisora: “Cada encontro está sendo surpreendente e cada um traz para o grupo o que acredita. Foi importante, bem reflexivo, mexeu com sentimentos. Sempre precisamos pensar no espaço, com relação ao barulho que iremos produzir, algumas interferências podem acontecer, não deixem que isso prejudique o trabalho”.

### **Considerações finais**

Este relato apresenta as fases de um processo criativo orientado, da concepção à realização das produções, demonstrando as atividades e percepções realizadas a cada uma das participantes.

Destacamos a introdução do trabalho pautada no conceito de funcionalidade humana e reafirmamos que a Arteterapia é uma abordagem promissora para o desenvolvimento do indivíduo podendo em situações de restrições corporais poder criar usando apenas a boca.

Essa oficina mostrou que a Arteterapia é eficaz no desempenho da funcionalidade humana. Com a modalidade expressiva da construção de pinturas pode-se constatar que os objetivos propostos foram alcançados, pois se verificou a expressão de conteúdos criativos mediante o estímulo da boca em especial o sopro.

Eis aí uma fonte de energia cujo movimento plasmou imagens possibilitando a expressão do mundo interno das participantes.

Conhecer os limites da funcionalidade do indivíduo é fundamental para que o trabalho arteterapêutico possa ser desenvolvido com segurança a caminho da totalidade do ser humano.

Mas se precisamos ainda de respostas que interliguem a importância da Arteterapia para o desenvolvimento da Funcionalidade Humana, podemos dizer que nesse campo, a Arteterapia e a Funcionalidade Humana se complementam, pois, enquanto a Arteterapia se ocupa por meio das técnicas arteterapêuticas a liberação de energias psíquicas, o estímulo a criatividade conferindo ao indivíduo novas possibilidades e novas significações de relacionar-se, posicionar-se estar no mundo, a Funcionalidade Humana traz concepções fundamentais para compreensão e resgate do potencial dos indivíduos no desenvolvimento de diferentes atividades.

Nessa oficina, cada participante ofereceu suas contribuições para que esta aula prática se efetivasse e certamente aprendemos juntas.

O fato desta oficina ter sido representativa para este grupo, incentivou nossa vontade de disseminar nosso conhecimento, acreditando que a publicação além de fortalecer a Arteterapia é também um canal para o processo de ensino-aprendizagem desta encantadora abordagem.

Esperamos com a divulgação desta experiência contribuir para o desenvolvimento do conhecimento no campo da Arteterapia sobretudo, mostrando a importância desta

ferramenta nas questões que envolvem a funcionalidade do ser humano e as suas restrições possibilitando meios de expressão e contribuindo para a inclusão social bem como para sua saúde e qualidade de vida.

Por fim, que essa experiência possa reafirmar a concepção de que

Cada ser humano é único, singular, recebe a vida para desenvolver os seus potenciais, e a Arteterapia facilita o ser humano a chegar a esse âmago, a essa singularidade do Ser, a chegar à Essência. A arte, utilizada terapeuticamente, ajuda a trazer a saúde do ser, sua riqueza, facilita-nos a encontrar a nossa grande joia, o Si-mesmo, possibilitando que cada um possa sentir o Sopro recebido e manifestá-lo. (DINIZ, 2014, p.12).

Data de recebimento: 14 de Outubro de 2015.

Data da primeira revisão: 24 de Outubro de 2015.

Data de aceite: 24 de Outubro de 2015.

## Referências

- ACAMPORA, B; ACAMPORA, B. **170 Técnicas arteterapêuticas**: modalidades expressivas para diversas áreas. 2ª ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2014.
- ALLESSANDRINI, C. D. **Oficina criativa e psicopedagogia**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.
- ALLESSANDRINI, C. D. **Análise microgenética da oficina criativa**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.
- ALVES, F. **Técnicas expressivas**: o encanto das fábulas ao encontro com a alma. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2011.
- BIDERMAN, M.T.C. Dimensões da palavra. **Revista Filologia e Lingüística Portuguesa**, n. 2, p. 81-118, 1988. <http://dlcv.fflch.usp.br/sites/>. Acesso 13 de out 2015.
- BITTENCOURT, D. **Diagnóstico intervencionista em arteterapia**: dinâmicas psicoartísticas e criatividade expressiva. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2014.
- BRASIL, C. **Cores, formas e expressão** - emoção de lidar e arteterapia na clínica junguiana. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2013.
- CARRANO, E; REQUIÃO, M. H. **Materiais de arte**. sua linguagem subjetiva para o trabalho terapêutico e pedagógico. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2013.
- CHENDO, I.C.P. Iluminar para revelar, colorir para transformar. In: PHILIPPINI, A. (org) **Arteterapia**: métodos, projetos e processos. 3ª ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2013. Cap 5 – pp 57-70).



CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. **Dicionário de símbolos**: Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 2001.

CIF: **Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde**. São Paulo. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

CROFT, P. **Relaxing hymns on piano**: a whole hour of spiritual music. 2013. From west wood records' album. v. 1. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=dfpOvM5OcuY>> Acesso em: 14 de outubro de 2015.

DINIZ, L. (org) **Mitos e arquétipo na arteterapia**: os rituais para se alcançar o inconsciente. 2ª ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2014.

ESPIRITU, D. **Agnus Dei**: instrumental violino. 2009. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=EkfRUNTOJKo>> Acesso em: 14 de out 2015.

LELOUP, J.Y. **O corpo e seus símbolos**. Petrópolis. Rio de Janeiro: Editora Vozes 1999.

LIMA NETO, L.F.C. **Ensinando música para arteterapeutas**: práticas e reflexões. In: PHILIPPINI, A. (Org). **Arteterapia: métodos, projetos e processos**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2013. Cap 6 – pp 73-84.

MONTEIRO, R. F. **Jogos dramáticos**. 6ª edição. São Paulo: Ágora, 1994.

MOTA, J. (Org). **O jogo no psicodrama**. São Paulo: Ágora, 1995.

ORMEZZANO, G. **Educação, estética, imaginário e arteterapia**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2009.

PHILIPPINI, A. **Linguagens e materiais expressivos em arteterapia**: uso, indicações e propriedades. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2009.

PHILIPPINI, A. **Grupos em arteterapia** - redes criativas para colorir vidas. Rio de Janeiro :Wak Editora, 2011.

STUCKI, G.; REINHARD, J.D.; GRIMBY, C.; MELVIN, J. O desenvolvimento da pesquisa em funcionalidade humana e reabilitação a partir de uma perspectiva abrangente. **Revista Acta Fisiátrica**, São Paulo, v.15, n.1, p. 63-69, 2008.

URRUTIGARAY, M. C. **Arteterapia**. a transformação pessoal pelas imagens. 5ª edição. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2011.

WITT, M. **Gracias**: instrumental piano. 2012. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=rkwm6cTa3Rg>> Acesso em: 14 de out 2015.



## Ensaio

### LIVRO DE ARTISTA EM ARTETERAPIA

#### THE ARTIST BOOK IN ART THERAPY

Claudia Colagrande<sup>7</sup>

### Resumo

Este artigo tem como objetivo a discussão do processo de criação e construção de livro de artista por meio de registros a partir das percepções de memória, e também da difusão de tal gênero artístico na atualidade dentro da arteterapia e arte contemporânea. Ao propô-lo, pretendo formular uma reflexão a respeito de uma das áreas menos conhecidas nas artes plásticas, em especial no Brasil, que é a do livro de artista e relacionar a mesma ao meu processo de criação em arteterapia. Além do livro como obra de arte propriamente dita, os cadernos de anotações onde registro as etapas de desenvolvimento do processo criativo, também são objeto de estudo. Eles compõem o que chamo de “rastros da memória” e assim auxiliam na compreensão da construção das obras e autoconhecimento. Proponho um olhar de resgate às memórias, sensações, sentimentos e transformações, sejam elas pessoais, sociais, culturais e políticas de nosso tempo. O livro obra possui elementos fundamentais ao processo de criação, especialmente numa era em que as relações digitais, os ritmos rápidos, formas e “presenças” virtuais confundem-se, ocupando o lugar dos afetos reais, ele retoma esse questionamento

---

<sup>7</sup> Artista Plástica (1986, Belas Artes); Arteterapeuta (1996, Instituto Sedes Sapientiae) especializada em História da Arte, Aquarela, Psicologia Transpessoal (DEP) e Arte Contemporânea. Trabalhou como arte-educadora de 1986 a 1994; como formadora de educadores da Rede Pública de escolas de São Paulo e São Bernardo do Campo (1996 a 2011) unindo a arteterapia e arte-educação. Desenvolveu trabalhos em ateliê com pacientes cegos, pacientes psiquiátricos e atua como arteterapeuta em seu próprio ateliê desde 1994. Publicou dois livros: Arteterapia na prática, diálogos com a arte educação, Rio de Janeiro: WAK, 2010. Arteterapia para todos: a prática arteterapêutica e sua diversidade. (organização e idealização). Rio de Janeiro: WAK, 2015. Fez parte do Conselho Diretor da AATESP de 2009 a 2012.

através das memórias, do processo de colagem, “costura”, organização do que eventualmente se perdeu ou sofreu cisões durante a vida.

**Palavras-chave:** Arteterapia, Livro-Arte, Memórias, Violação da Ordem.

### **Abstract**

This article aims to discuss the process of creating and building artist book through records from memory perceptions, and also the dissemination of such artistic genre today in art therapy and contemporary art. To propose it, I looking for a reflection on one of the lesser-known areas in the visual arts, especially in Brazil, which is the artist's book and relate it to the creative process in art therapy. They are what I call "memory traces" and so help to understand the construction of the works and self-knowledge. I propose a rescue look to memories, sensations, feelings and transformations, be they personal, social, cultural and political of our time. The bookwork has fundamental elements to the authoring process, especially in an age where digital relationships, accelerated rhythms, forms and "presences" virtual are confused, taking the place of real affection, he takes up this question through the memories, the bonding process, "sewing", the organization that eventually lost or suffered splits in life.

**Key words:** Art Therapy, Book Art, Memories, Violation of the Order.

A arteterapia é um caminho de autoconhecimento onde utilizamos a arte como ferramenta para um olhar expressivo, criativo, descristalizador e construtivo. Entre imagens conscientes e inconscientes, símbolos, mitos, ficção e realidade ha uma interação criativa e a leitura da obra pode abrir portas para novos caminhos. Entre tantos recursos que podem ser utilizados em arteterapia o livro de artista ou livro-obra (*bookwork*) apresenta-se como um recurso muito interessante.

A arte do livro ou livro de artista é uma categoria da arte onde utilizamos formato de livros para criar uma obra biográfica, imagética, trabalhar memórias, pensamentos, sonhos, metas, etc. O livro possui um caráter passível de dualidade, pois de um lado o livro em sua forma original constitui um equilíbrio, uma ordem; na arte contemporânea o livro-arte propõe uma violação da ordem, sim, o livro-arte não precisa ser um livro organizado e equilibrado, pode-se desconstruir um livro, por exemplo, na categoria da apropriação de um livro a exemplo, ao se apropriar de qualquer livro que se tenha interesse a criação propõe uma desconstrução do livro original. Abaixo a imagem de uma interferência de livro apropriado, um livro op-art, termo usado para descrever a arte que explora a falibilidade do olho e pelo uso de ilusões ópticas, que foi recortado ao ser apropriado na categoria de livro-alterado.



Claudia Colagrande, livro alterado - 2013

Compreende-se por Livro de Artista algumas categorias como:

- *Livro de arte* - livro em que a arte ou o artista é o assunto.
- *Livro de artista* - livro em que o artista é o autor.
- *Arte do livro* - arte que emprega a forma do livro.

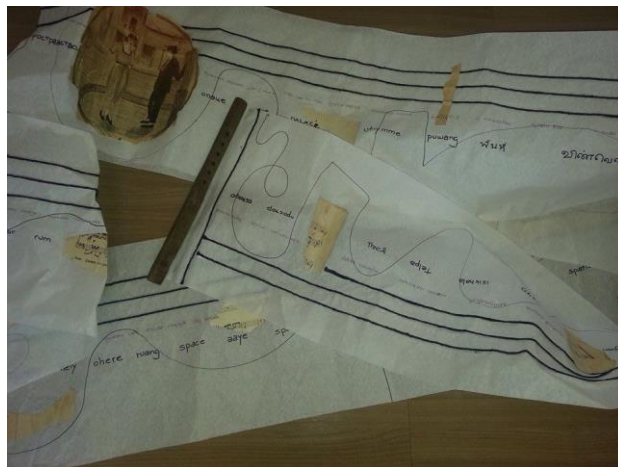


- *Livro-obra (bookwork)* - obra de arte dependente da estrutura de um livro.
- *Livro objeto* - objeto de arte que alude a forma de um livro.

Chamaremos nossos livros em arteterapia de livro-obra, livro de arte ou livro-objeto.

Mesmo tendo como característica a violação das páginas, como diz Paulo Silveira em “A Página Violada” (2008), o Livro de Arte resulta em algo organizador para quem o realiza. Ainda que utilizando recortes e colagens, metáforas de memórias, restos de materiais, o resultado livro já é organizador, é como se todo conteúdo elaborado estivesse guardado, bem guardado, elaborado e estética e emocionalmente se transformado.

Minha filha mais nova estuda numa escola *Waldorf* onde valorizam muito a arte, a música; desde pequenos aprendem a tocar flauta doce, no 3º ano violino e sempre há aulas de canto. Nina foi participar da orquestra e desistiu porque tinha que ler partitura e ela não gosta. Imediatamente acessei minha memória da infância onde eu aprendia piano e violão clássicos e não gostava, ou não conseguia ler partituras; minha mente ia mais rápido e eu tirava as músicas de ouvido, não conseguia seguir a partitura. A princípio ganhei medalha de honra ao mérito por ter decorado oito músicas em um mês, quando a professora descobriu que eu não havia decorado as músicas, estava tocando de ouvido, levei uma grande bronca. Talvez eu já estivesse violando as páginas das regras clássicas. O resultado desta memória foi um Livro-rolô feito em rolo de papel manteiga, esses de cozinha que transformei numa “Pauta Interrompida” de 7,5mt de comprimento. Ao começar o trabalho coleí fios de seda muito antigos, mas na terceira linha o fio acabou e então fiz as outras linhas da pauta escrevendo em todos os idiomas pausa e pauta musical. Ao terminá-lo fiquei com uma sensação de leveza e alegria, pois minha transgressão não era intencional, era uma condição e a arte me permite conviver com isso em harmonia!



Segundo definição de Paulo Silveira, em “Livro-Arte” (p. 25), o livro de artista trata-se de categoria artística e seu conteúdo expresso através de propostas gráficas pautadas em memórias sensoriais fenomenológicas. Esta definição é fundamental para a compreensão dos objetivos deste trabalho e é a partir dela que estruturei o mesmo.

Além de Paulo Silveira, Merleau-Ponty e seu livro “Fenomenologia da Percepção” (Martins Fontes, 1999) sempre estiveram presentes no processo criativo. Acredito que seja a partir do estudo das essências que a arte se tece. Ao buscarmos a essência das coisas nas memórias sensoriais, sejam elas por meio de imagens que nos atraiam, de temas presentes no cotidiano como, por exemplo, a vida e a morte ou simplesmente na renda encontrada no fundo de uma caixa de retalhos esquecida; essas memórias tornam-se parte da obra em sua textura, colagem ou impressão, compondo imagens de um instante intuitivo.

Ainda sobre as percepções de memória vale lembrar palavras de Cecília Salles que em seu livro *Redes da Criação* cita Jean Yves e Marc Tadié (1999) sobre a mobilidade da memória coletiva no indivíduo e na criação humana: memória não é um lugar onde as lembranças se fixam e se acumulam. Cada nova impressão impõe modificações ao

sistema. Como memória é ação, ou seja, essencialmente plástica, as lembranças são reconstruções: redes de associações, responsáveis pelas lembranças, sofrem modificações ao longo da vida.

Sob essa ótica, o processo criativo do livro de artista pode ser considerado como bloco de afetos e afetações, onde as memórias e gestos do autor interferem diretamente na obra. No caso da construção de livros como obra de arte, este processo se assemelha ao de uma escavação arqueológica, onde a partir de uma ideia, lembranças vêm à tona por meio de imagens, revelando um patrimônio até então adormecido, submerso na imaginação do artista ou do paciente. São os “rastros de memória”.

À memória consciente ou inconsciente somam-se anotações, reflexões, leituras e construções de trabalhos que surgem quase que impulsivamente para que possam existir sem interferências no momento da criação. Em “Gesto Inacabado”, Cecilia Salles refere-se a esse impulso como sendo a visão de forma, como poesia feita de ação.

Busco ainda com esse estudo refletir o motivo que faz do livro de artista ter tão pouca visibilidade e conhecimento do grande público, embora a produção dos mesmos seja grande entre os criadores. Detendo-nos sobre esse aspecto, percebemos que os mesmos são normalmente considerados pelos seus autores como uma produção muito particular, quase “secreta”, que fica muitas vezes guardado em gavetas ou relegado à condição de “estudos”. Registros em cadernos e livros fazem parte de nossas vidas desde sempre. Eles nos acompanham já na infância e é comum encontrarmos temas próprios dos livros infantis como espaços para colorir, alfabeto, histórias fantásticas, jogos e brincadeiras também nos livros de artista. Isso nos leva a uma reflexão sobre a possibilidade de signos do universo infantil, esquecidos nas gavetas físicas e da memória do artista ou do paciente em arteterapia, terem um papel de antecipação daquilo que será a sua produção em livros arte.

Apesar do livro de artista, como afirma Johanna Drucker em “*The Century of Artist’s Books*” (BRASIL, 2008, apud Silveira) encontrar-se em uma zona híbrida, em algum lugar na intersecção, na fronteira e nos limites das outras atividades artísticas; proponho nesta pesquisa uma condução que sustente o livro de artista também como forma de expressão do lirismo na poética visual, lirismo esse quase desaparecido na era virtual. Assim, pintura, desenho, colagem e o contato direto com os materiais serão elementos de estudo na construção do livro-arte. A pesquisa destes elementos reforça outro conceito a ser abordado neste trabalho ao interpretarmos a memória no processo criativo nos livros de artista: a percepção do sentido de vacuidade onde nada existe separado do todo. Parte da organização do processo de criação existe num grande vazio que emerge, sobe à superfície quando trabalhamos a memória. O escritor Agualusa (BRASIL, 2004, Apud Salles) diz: “Nós somos aquilo que nos lembramos. Um homem sem memória é um homem sem personalidade”.

Como artista e arteterapeuta trabalhar com essa linguagem sempre traz resultados surpreendentes, inesperados!

Data de recebimento: 07 de Outubro de 2015.

Data de aceite: 14 de Outubro de 2015.

## Referências

BACHELARD, G. **A intuição do instante**. São Paulo: Editora Verus, 1993.

BERGSON, H. **Matéria e Memória, ensaio sobre a relação do corpo com o espírito**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BRETT, G. (organizador). **Aberto fechado, caixa e livro na arte brasileira**. São Paulo: Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2012.

KLEE, P. **Diários 1898-1918**. Madrid: Alianza Ed., 1987.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

SALLES, C. A. **Gesto Inacabado**. São Paulo: Intermeios, 2011.

SALLES, C. A. **Redes da Criação**. São Paulo: Editora Horizonte, 2006



SILVEIRA, P. **A Página Violada**. Rio Grande do Sul: Editora da UFRGS, 2011.

SILVEIRA, P. **Arte e suas Instituições - XXXIII Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte**. Organização Ana Cavalcanti, Emerson Dionísio Gomes de Oliveira, Maria de Fátima Morethy Couto, Marize Malta. Universidade Federal do Rio de Janeiro, setembro 2013. CBHA.

## Resenha

### **O HERÓI NOS MITOS GREGOS: EM ARTETERAPIA E EDUCAÇÃO**

Sandro Leite<sup>8</sup>

Publicação: TOMMASI, Sonia Bufarah; SOARES, Lucia Fernanda Misse. **O herói nos mitos gregos: em Arteterapia e educação**. Rio de Janeiro: WAK, 2015.

Sonia Tommasi e Lucia Soares, em uma parceria que já trouxe outros frutos, apresentam uma obra que aprofunda a compreensão do mito e o amplia para além de seu escopo. Essa ampliação é uma das questões centrais apresentadas por Jung – todo conhecimento se revela ético, uma vez que se processa na atividade de vida diária; é a garantia de que grande parte do saber que se mantém vivo e extravasa a dimensão temporal precisa ser vivificado nas práticas cotidianas. As autoras traçam, nessa obra, uma ponte possível entre os saberes e vislumbram uma trama complexa de relações que, quando praticadas, crescem-se de novos significados.

A Psicologia, em especial a Psicologia Analítica, como ação sistemática que se debruça sobre o estudo do psiquismo, é campo fértil e aberto para o conjunto de fatores que compõem o pano de fundo da pluralidade humana. O mito é um desses fatores. Cada vez que é utilizado como disparador para o início de um trabalho, seja na Arteterapia ou na Educação, ele se revela imiscuído entre dinâmicas pessoais e coletivas, e, dessa

---

<sup>8</sup> Artista-Educador, Mestre em Psicologia Clínica - PUCSP (Estudos Junguianos). Tem experiência na área de Artes, tanto em produção artística contemporânea quanto em Arte-Educação e em Arteterapia. Desenvolve atividades artísticas e terapêuticas destinadas ao público adulto (estudantes e profissionais). Docente em cursos de Graduação (Fotografia, Moda e Musicoterapia) e Especialização (Arteterapia e Musicoterapia). Desenvolve pesquisa sobre a relação música-imagem nos contextos artístico e clínico, com artigos publicados sobre o tema. Membro Fundador da AATESP (Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo). Email: sandroleite@terra.com.br; Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0243480357395951>; Telefones: (11) 99834.1271 - (11) 3331.1563.

forma, o símbolo vivo que carrega é constantemente atualizado. Em uma de suas entrevistas, Campbell lembrou que uma pessoa pode até ter uma boa vida sem se preocupar com os mitos, mas, se alguém lhe contar uma história e esta de alguma forma lhe trazer uma compreensão mais ampliada sobre seu próprio ser/viver, nada será como antes. A conexão que o mito provoca amplia sobremaneira o sentido da vida.

Mas por que os mitos gregos, oriundos de vivências e imaginações de autores/atores dos tempos antigos ainda são importantes nos dias atuais? De que forma a vivência da juventude personifica a jornada do herói? Qual o verdadeiro papel do mito, através dos tempos e das leituras que muitos artistas fizeram, a partir do encantamento de suas histórias? Essas são algumas questões que a obra de Sonia Tommasi e de Lucia Soares procura responder.

De forma didática, *O herói nos mitos gregos: em Arteterapia e educação* se constrói em um primeiro momento pela narrativa do mito, seguido de uma leitura simbólica que elege passagens, objetos, ações, personagens emblemáticos a serem tratados do ponto de vista simbólico e psicológico. Essa problematização é um recurso necessário para que o leitor teça conexões possíveis entre o enfoque mítico e sua reverberação no campo psíquico. Depois, o mito é amplificado pelas obras de artistas, em especial das artes visuais e da literatura e em vários períodos históricos. A ilustração com obras de arte contribui para a visualização dos símbolos que o mito revela, intensificando possíveis identificações – ao apreciar uma pintura ou ler um poema, o leitor é tocado de forma diferenciada pela magia da história. E, por fim, as autoras listam possibilidades criativas do mito, que envolvem sugestões de questões para reflexão e sugestões para atividades expressivas. Estas fazem a conexão com o campo imaginativo, porque, ao se ouvir uma história, o imaginário entra em ação e depois pode tomar uma forma, ou seja, o



mito como disparador alimenta a vivência de seu sentido, por meio de reflexões e ações criativas.

Escrito tanto para o leitor interessado em utilizá-lo como instrumento de trabalho em sua prática profissional quanto para aquele que busca uma ampliação pessoal, por meio de histórias, O herói nos mitos gregos: em Arteterapia e educação propõe uma aproximação entre a experiência do herói, as vicissitudes oriundas de sua jornada e os jovens dos nossos dias. Imersos em um mundo que exige uma postura ativa e reflexiva diante das demandas coletivas, nem sempre se acham integrados, preparados para uma tomada de posição. Relembrar os mitos, ampliá-los é, como demonstra as autoras, uma boa estratégia para o processo de autoconhecimento. Fica aqui o convite para quem quiser mergulhar nessa jornada!

Data de recebimento: 07 de Outubro de 2015.

Data de aceite: 07 de Outubro de 2015.

### **Referências:**

- CAMPBELL, Joseph. O poder do mito. 29. ed. São Paulo: Palas Athena, 2012
- JUNG, Carl Gustav. A natureza da psique. OC 8/2. 8. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.
- \_\_\_\_\_. Civilização em transição. OC 10/3. 4. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.



## Resumo de Monografia

TALARICO, Ericka Louise<sup>9</sup>. **A Arteterapia como Recurso para Despertar a Criança Interior**. Monografia (Especialização em Arteterapia). São Paulo: Universidade Paulista, 2014. Orientadoras: Prof<sup>a</sup>. Pós- Dr<sup>a</sup>. Patricia Pinna Bernardo e Prof<sup>a</sup>. Esp. Mirian Arjonilla.

## Resumo

A presente pesquisa faz parte de um estágio pelo curso de Pós Graduação em Arteterapia da UNIP, que se deu a partir de oito oficinas criativas realizadas com duas mulheres, sob supervisão da Prof<sup>a</sup> Pós-Dr<sup>a</sup> Patrícia Pinna Bernardo e Prof<sup>a</sup> Esp Mirian Arjonilla. O processo terapêutico teve como foco o desenvolvimento da criatividade e autoconhecimento para o “despertar” simbólico da criança interior, a fim de que suas características positivas proporcionem bem estar psíquico e uma melhor qualidade de vida. Por fim, pode-se perceber que os objetivos propostos foram alcançados, pois as participantes entraram em contato consigo mesmas e a partir da criança interior identificada e acolhida, alcançaram um equilíbrio entre fantasia e realidade, que possibilitou a ampliação da consciência, lhes fez voltar a sonhar e ter forças para saírem do estado de comodismo e iniciarem uma nova jornada, repleta de possibilidades e amor próprio.

**Palavras-chave:** Arteterapia; Criança Interior; Criatividade.

Data de recebimento: 04 de Março de 2015.

Data de aceite: 04 de Março de 2015.

---

<sup>9</sup> Especialista em Arteterapia pela Universidade Paulista - UNIP. E-mail: [elouise\\_talarico@hotmail.com](mailto:elouise_talarico@hotmail.com).  
Revista de Arteterapia da AATESP, vol. 6, n. 1, 2015. - ISSN 2178-9789



## Resumo de Monografia

RODRIGUES, Igor Ortega<sup>10</sup>; RIGO, Vanessa<sup>11</sup>. **Oficina de criatividade de cores e sons: Prática arteterapêutica multissensorial**. Monografia (Especialização em Arteterapia). São Paulo: Universidade Paulista, 2013. Orientação: Prof. Dr. Patrícia Pinna Bernardo. Co-Orientador: Guilherme Peniche.

## Resumo

Tendo em vista a necessidade reintegrar no homem de nossa sociedade suas emoções e sensações, para que ele possa lidar de forma criativa e saudável com a multiplicidade de estímulos do cotidiano, sem perder de vista o que estes podem trazer para o autodesenvolvimento e autoconhecimento, propusemos um projeto de intervenção, como aplicação prática supervisionada na Pós-graduação em Arteterapia da UNIP: “Oficina Multissensorial”, que desde a sensibilização integra visão e audição, ocorrida em seis encontros durante os meses de outubro e novembro de 2012 no Ateliê Rigo, com caráter preventivo, para um grupo variável (2-8 participantes) de adultos (20-64 anos). A análise desta proposta pouco usual coincide com os resultados positivos que vem sendo indicados pelos estudos das Neurociências sobre os benefícios das terapias que integram os estímulos audiovisuais. Disponibilizamos nosso relato para que possa servir de inspiração para outros profissionais que também se interessem por estas abordagens.

**Palavras-chave:** Arteterapia, Cor, Som, Notas Musicais, Multissensorialidade.

Data de recebimento: 25 de Abril de 2015.

Data de aceite: 25 de Abril de 2015.

---

<sup>10</sup> E-mail: [igorortega@msn.com](mailto:igorortega@msn.com)

<sup>11</sup> E-mail: [vanzrigo@gmail.com](mailto:vanzrigo@gmail.com)

## **NORMAS PARA PUBLICAÇÃO**

1. A Revista de Arteterapia da AATESP recebe trabalhos encomendados ou remetidos espontaneamente pelos autores para publicação nas seguintes seções: artigos originais que inclui artigos de pesquisa, artigos de revisão teórica e relatos de experiência; ensaios, de cunho ensaístico, opinativo, acerca de assuntos de discussão contemporânea ou que se almeje discutir; resenhas e resumos de monografias, dissertações e teses. Os textos encaminhados para a seção de artigos originais serão avaliados às cegas por membros do Conselho Consultivo, enquanto que os demais textos serão avaliados pelos membros do Conselho Editorial.
2. Os artigos e ensaios devem conter no máximo 20 páginas, incluindo as referências bibliográficas; as resenhas, 4 páginas; e os resumos de monografias, dissertações e teses, 1 página.
3. Os artigos situados dentro da categoria “Relato de Experiência” só poderão ser submetidos por profissionais arteterapeutas ou estudantes de Arteterapia credenciados às Associações Regionais de Arteterapia filiadas à UBAAT – [www.ubaat.org](http://www.ubaat.org).
4. O autor deve enviar o trabalho para o e-mail [textos.aatesp@gmail.com](mailto:textos.aatesp@gmail.com), em extensão “.doc”, com fonte Arial, tamanho 12, formato A4, com margens de 2 cm e espaçamento duplo. As referências devem ser inseridas ao final do texto e as notas de rodapé devem se restringir àquelas efetivamente necessárias.
5. Os artigos devem ser acompanhados de resumos, com até 200 palavras, além de um mínimo de 3 Palavras-chave. O título, o resumo e as Palavras-chave devem ser apresentados em português e inglês.
6. No envio do trabalho, o autor deve encaminhar arquivo com carta assinada em formato “.jpg” ou “.pdf”, explicitando a intenção de submeter o material para publicação na Revista Arteterapia da AATESP, com cessão dos direitos autorais à Revista.
7. O nome do autor ou quaisquer outros dados identificatórios devem aparecer apenas na página de rosto. O título deve ser repetido isoladamente na primeira página iniciando o texto, seguido do resumo e Palavras-chave, conforme instruções do item 6.
8. O autor deve anexar, na página de rosto, seus créditos acadêmicos e profissionais, além do endereço completo, telefone e e-mail para contato.
9. Não deve haver ao longo do texto ou no arquivo do artigo qualquer elemento que possibilite a identificação do(s) autor(es), tais como papel timbrado, rodapé com o nome do autor, dados no menu “Propriedades” do Word.
10. O conteúdo do trabalho é de inteira responsabilidade do autor.

## **PROCEDIMENTOS DE TRAMITAÇÃO DOS MANUSCRITOS**

A partir do recebimento do trabalho, é feita uma verificação inicial do mesmo pela Comissão Editorial, relativa ao cumprimento das Normas de Publicação estabelecidas pela Revista. O não cumprimento das mesmas implica na interrupção do processo de avaliação do manuscrito.

Após essa primeira etapa, o trabalho é enviado a dois pareceristas, sendo que neste processo de avaliação nem autor e nem os pareceristas são identificados. A Comissão Editorial fica responsável por todo o processo de comunicação com o autor e com os pareceristas. Em caso de impasse quanto aos pareceres recebidos, a Comissão Editorial se encarregará de chegar a uma decisão final.

Quanto ao parecer, o trabalho encaminhado pode ser:

- Aprovado;
- Aprovado com necessidade de reformulações;
- Reprovado.

Cabe ao autor decidir se aceitará ou não as orientações para reformulações do trabalho encaminhado, no caso das mesmas serem sugeridas, lembrando que a não reformulação implica no não aceite final para publicação na Revista.

## **ROTEIRO PARA ELABORAÇÃO DE PARECER**

Será utilizado para o parecerista o seguinte roteiro de apreciação e avaliação dos trabalhos:

1. O trabalho encaminhado se enquadra na linha editorial da revista?
2. O trabalho corresponde a uma contribuição significativa para publicação na Revista, tendo em vista a linha editorial da mesma?
3. O trabalho encaminhado especifica claramente tema e objetivo?
4. No caso de artigo, o resumo e as Palavras-chave são objetivos e fidedignos à proposta apresentada?
5. O trabalho cita bibliografia significativa e atualizada para o desenvolvimento do tema?
6. O trabalho faz referências bibliográficas conforme normas da Revista?
7. O trabalho realiza coerentemente seu objetivo?
8. Há erros de compreensão dos autores citados?
9. Há erros nas citações utilizadas?
10. O objetivo declarado é atingido?
11. O material deve ser revisado em termos estilísticos, ortográficos e gramaticais?
12. O texto é aceitável para publicação? Em caso positivo, especificar se: em sua forma atual; com necessidade de reformulações;



## REFERÊNCIAS e CITAÇÕES

Os trabalhos devem seguir orientações estabelecidas pela norma NBR-6023 da ABNT, quanto a:

### a) Referências bibliográficas. Exemplos:

Livros

RHYNE, J. **Arte e Gestalt**: padrões que convergem. São Paulo: Summus, 2000. 279p.

Capítulos de livros

NOGUEIRA, C. R. Recursos artísticos em psicoterapia. Em: CIORNAI, S. **Percursos em arteterapia**: arteterapia gestáltica, arte em psicoterapia, supervisão em arteterapia. São Paulo: Summus, 2004. p. 219-223.

Dissertações e teses

VALLADARES, A. C. A. **Arteterapia com crianças hospitalizadas**. Ribeirão Preto, 2003. Dissertação (Mestrado em Enfermagem Psiquiátrica) – Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo.

Artigos de periódicos

BERNARDO, P. P. Oficinas de criatividade: desvelando cosmogonias possíveis. **Revista Científica Arteterapia Cores da Vida**, v. 2, n. 2, p. 8-23, 2006.

Trabalho de congresso ou similar (publicado)

SEI, M. B. e GOMES, I. C. Family art therapy and domestic violence: a proposal of intervention. In: IARR Mini Conference, 2005. **IARR Mini-Conference Program-Abstracts**. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2005. p. 23-23.

### b) Citações de autores no decorrer do texto (NBR 10520/2002)

Citações são elementos extraídos de documentos pesquisados e indispensáveis para a fundamentação das ideias desenvolvidas pelo autor. As citações podem ser diretas e indiretas.

A forma de citação adotada pela Revista será o sistema **autor-data**. Neste sistema a indicação da fonte é feita: pelo sobrenome de cada autor ou nome de cada entidade responsável, seguido(s) da data de publicação do documento e da(s) página(s) da citação, no caso **de citação direta**, separados por vírgula e entre parênteses. Exemplos: “Centrando o interesse na Arteterapia como prática complementar, procurou-se aplicá-la no atendimento a enfermos hospitalizados.” (VALLADARES, 2008, p. 81)

**Ou,**

Valladares (2008) explica que “Centrando o interesse na Arteterapia como prática complementar, procurou-se aplicá-la no atendimento a enfermos hospitalizados” (p.81).

**Citações diretas com menos de três linhas** devem vir entre aspas duplas, no próprio corpo do texto. Exemplo:

Allessandrini (1996) aponta que “a expressão artística pode proporcionar ao homem condições para que estabeleça uma relação de aprendizagem diferenciada” (p. 28).

**Citações diretas com mais de três linhas** devem ser restritas ao mínimo necessário e não exceder 10 linhas. Quando utilizadas devem figurar abaixo do texto, com recuo de 4 cm da margem esquerda, com letra 10 e sem aspas.

Exemplo: Goswami (2000) explica que:

nós não podemos desenvolver uma identidade-ego sem a criatividade. Quando crianças, somos naturalmente criativos, na medida em que vamos descobrindo a linguagem, a matemática, o pensamento conceitual, as habilidades, e assim por diante. Na medida em que nosso repertório de aprendizado cresce, nossa identidade-ego cresce também. (p. 67)

**Citações indiretas** devem traduzir com fidelidade o sentido do texto original do texto e geralmente tratam de comentários sobre ideias ou conceito do autor. São livres de aspas e não precisam de página. Exemplos:

De acordo com Freud (1972) os processos primários acham-se presentes no aparelho mental desde o princípio.

**Ou,**

Os processos primários acham-se presentes no aparelho mental desde o princípio (FREUD, 1972).

Não se indica a inserção de notas de rodapé, que devem se restringir ao mínimo necessário. São digitadas dentro das margens ficando separadas do texto por um espaço simples de entrelinhas e por filete de 3 cm a partir da margem esquerda.